

OLGA RIBEIRO

a valorosa desportista «leonina»,
que se exhibiu brilhantemente nos
campeonatos nacionais de atletismo

(Foto Nunes d'Almeida)

Stadium

N.º 40 * 8 de Setembro de 1943

SPORTING

TEM sido objecto de comentários o último período de inactividade a que foram obrigados os nossos esgrimistas. Modificada a habitual seqüência dos torneios oficiais de florête e apressada particularmente a disputa dos de espada, em virtude dos trabalhos que a Federação Portuguesa de Esgrima levou a efeito com vista à hipotese — hoje definitivamente arreada — de um encontro internacional com a França, verificou-se este facto de surpreender: perante a impossibilidade de efectuar aquêl «match», não foi aproveitado o tempo livre, que podia ter significado alguns meses de trabalho muito útil, e somente se anunciaram torneios de espada para o outono, imediatamente seguidos das provas oficiais de sabre, estas afastadas da época mais aconselhável.

Não foi feliz este processo de trabalho, que devemos até considerar prejudicial para a causa da esgrima. Estamos certos de que a própria Federação projectava actividade muito diferente, visto que o seu plano de realizações, exposto com desenvolvimento depois da posse da actual direcção, deixava prever orientação diametralmente oposta à que veio a praticar-se.

Assim, além de não terem sido devidamente conjugados os esforços das salas de armas, no sentido de aproveitar o sempre dedicado trabalho dos seus mestres e de evitar que a maioria dos torneios que elas organizam perdêsse a seqüência que é forçoso manter, a própria F. P. E. descurou alguns pormenores da sua missão orientadora, dando a impressão de abandono, que seguramente não corresponde aos propósitos dos seus dirigentes nem traduz a compreensão que possuem das necessidades da esgrima nacional.

Defendemos há muito o princípio de que deve merecer mais atenção o desenvolvimento da actividade dos desportos nos quais os portugueses têm afirmado incontestável valor internacional, de molde a que a sua prática seja impulsionada ou organizada em bases que garantam a continuidade de tal valor. Se algumas dessas modalidades desportivas — infelizmente em número escasso — têm condições de vida especiais, que permitem manter, sem preocupações de maior, o seu elevado nível técnico e de competição, — a esgrima, que as acompanhou sempre nas gloriosas jornadas além fronteiras, debate-se hoje em situação muito de ponderar: continuamos a dispor de professores que devem ser colocados, em muitos casos vantajosamente, ao lado dos mais categorizados estrangeiros, mantemos intacta a mesma intuição, a mesma notável habilidade para o jogo das armas — mas desapareceu o espírito de sacrifício e de dedicação da maioria dos praticantes e, o que é mais prejudicial, não existe a organização colectiva necessária para imprimir à esgrima portuguesa o movimento de renovação de esforços que se torna necessário impôr.

Estes últimos pormenores agravam sobremaneira a vida do belo desporto das armas em Portugal. Há, portanto, que enveredar por caminhos diferentes, com directrizes cuidadosamente estudadas, tentando encontrar com segurança a solução necessária. A esgrima está praticamente a viver da boa vontade de poucos — e bastante, em relação às camadas novas, da obra da extinta Escola de Educação Física do Exército. A prova está em que as velhas salas, as de renome, nada têm feito agora em trabalho construtivo, para o futuro, e as outras, mais modestas em pergaminhos mas procurando formar esgrimistas, estão confiadas a mestres saídos da referida Escola.

E se a «Mocidade Portuguesa» tem provado que pode vir a ser a continuadora da obra da E. E. F. E., haverá que aplaudir sem reservas tudo quanto se consiga, com a sua colaboração, para formar aquela «Escola Nacional de Esgrima» que tão necessária se torna.

O que ninguém pode ver prazentemente é o que se está passando. Urge que a F. P. E. dê sinais de vida. E já que não se tirou qualquer resultado prático das «poules» e torneios que contavam para a indicação da equipa nacional de espada, e deixaram de se organizar

O problema das piscinas no Pórtio tem sido sempre uma coisa complicada, depois do desaparecimento da piscina do Curvalhido. Tem-se hesitado grandemente quanto a local e a características. A complexidade do problema veio agora novamente a lume, com uma declaração do Grupo de Propaganda da Nataçãõ, há anos constituído no Pórtio para a propagação de tão excelente desporto.

E o motivo da declaração é o de constar que se pensa construir uma piscina na Foz do Douro, que é, no final de contas, a praia atlântica que serve a cidade do Pórtio. A construção da piscina naquela localidade não satisfaz as necessidades do Pórtio, por ficar afastada do centro da cidade. Mas ficava muito mais perto que fôdes as outras! A falta de melhor, seria já uma solução aproveitável — para todos os clubes portugueses.

ATRIBUI-SE à ausência de piscinas a falta de progresso e expansão da nataçãõ no Pórtio. Mas não é por certo esse o único motivo da limitada movimentação dos clubes portugueses da especialidade. Deve haver também pouco entusiasmo.

O exemplo de Coimbra tem sido posto muitas vezes em foco. Os recentes campeonatos nacionais mostraram, todavia, um outro exemplo — o de Viana do Castelo. Um clube local — o Sport Clube Vianense — deslocou-se para Espinho, concorrendo a quasi todas as provas complementares. Não ganhou nenhuma corrida. Evidenciou, porém, entusiasmo. Não é tudo — mas é alguma coisa.

NO «basket-ball» regista-se uma expansão que chega a surpreender. Alarga-se a todo o país — e a maior número de clubes. O próprio público vai mostrando simpatia pelo desporto da bola ao cesto.

Os campos portugueses da especialidade vão sendo pequenos para os desafios de maior importância. É preciso, pois, pensar na sua ampliação.

EM qualquer desporto procura-se, sempre, organizar provas ou torneios de características diferentes. Ao campeonato de Portugal de «basket» vai suceder, já na nova época, o «Torneio dos Campeões», organizado, em Coimbra, pelo Sport Clube Coimbricense.

Concorrem a este torneio três campeonatos regionais — Altilico, de Lisboa; Vasco da Gama, do Pórtio; e Coimbricense, de Coimbra.

PARECE que vão recomeçar as provas velocipédicas de estrada. Oxalá que as voltas do Sangalhos e Mealhada, em dois dias a seguir, representem o recomeço de uma actividade que é sempre útil para movimentação e expansão do ciclismo.

CHEGOU a Lisboa uma nova série de pugilistas moçambicanos. O alfôbre pugilístico de Moçambique desentranha-se em atletas das mais variadas características. É inesgotável... A perspectiva é, pois, de inundação!

EM Coimbra, a nataçãõ é um desporto em franco progresso. Com uma piscina fluvial que se mantém em actividade durante poucos meses, os nadadores e dirigentes coimbricenses têm operado prodígios.

Agora, no recado dos campeonatos nacionais, efectuou-se um festival em colaboração com o Sport Algei e Dafundo. Luis Lopes da Conceição foi desta vez derrotado por Heráclio Treviço. Mas Lida Raposo ganhou uma prova contra Silvana Vieira Alves. E Durval Mota triunfou em 66 metros brucos infantis.

Coimbra trabalha, pois, com entusiasmo — e com largo espírito de iniciativa. Não há, porém, maneira de corresponder a este esforço, que honra a cidade, com uma piscina em melhores condições... Há muita promessa. Mas não se passa disso.

CONTINUA também a expansão do «hockey» em patins. A construção de novos erinheiros de patinagem, em todo o país, criou novos adeptos — e melhores possibilidades financeiras. No penúltimo domingo, jogaram em Espinho, à hora dos campeonatos nacionais de nataçãõ, as equipas do Estrêla e Vigorosa, do Pórtio, e da Associação Académica de Coimbra.

No mesmo domingo jogaram no Pórtio o Hockey Clube de Sintra e o Infante de Sagres. A vitória pendeu para o clube português. E a jornada teve bastante brilhantismo.

EM desporto, não há por vezes uma noção das realidades e das proporções. Tomam-se, em mais de uma oportunidade, atitudes que resultam mais do propósito de ir ao encontro das recepções do público — que do estudo ponderado dos problemas, em ambiente de maior sossego.

A bola voltou a ser o assunto predilecto de tédas as conversas. Os campeonatos regionais não demoram muito. Mas a ansiedade parece que aumenta sempre.

Que novidades trará a nova época?

AUGUSTO da Sousa foi também vencido pelo espanhol Peiró, em Barcelona. Este resultado é um apertinho excelente para o novo combate Peiró-Levi, anunciado para Lisboa. O ambiente é quasi de febre...

VASCO SAMEIRO, grande corredor português de automobilismo, acaba de conseguir um magnifico triunfo em terras brasileiras. Em Niteroy, perto do Rio de Janeiro, ganhou uma prova internacional de carros com gasogénio.

Registamos com muito prazer a vitória do forte corredor brucarense.

O Sporting deve usar-se do belo triunfo que representa a sua esplêndida pista de atletismo no estádio do Luniar. Trata-se de obra valiosa, com verdadeiro significado nacional — e que concretiza uma aspiração muito antiga dos «leões».

Destruída a anterior pista do Estádio pela empresa que o tomou de arrendamento, o Sporting, ao ir para o Luniar, encarregou a sua acção de atletismo dos estudos necessários para a reconstrução — mas desta vez em condições que correspondam a todos os requisitos da técnica. Salazar Carreira, com os seus grandes conhecimentos, a sua dedicação e o seu espírito sempre moço; Correia César, antigo campeão nacional de juniores, com o seu entusiasmo; e a direcção do Sporting, com superior visão das necessidades do clube — tornaram possível uma obra que merece o aplauso incondicional de todos os desportistas são.

Um pormenor de salientar: a excelência de construção da pista sobressai no facto de ter sido possível utilizá-la apenas 48 horas depois de ter sido dada por concluída!

ANO XI — Lisboa, 8 de Setembro de 1943 — II SÉRIE-N.º 40

STADIUM
REVISTA DESPORTIVA

Director e Editor
DR. GUILHERMINO DE MATOS

Propriedade da
SOCIEDADE REVISTAS GRAFICAS LDA.

Redacção e Administração:
T. CIDADÃO JOÃO GONÇALVES, 19-3.º
Telefone 51146 — LISBOA

Gravura e Impressão de **NEOGRAVURA, LTD.**

Composição e Impressão tipográfica na
GRAFICA SANTELMO — LISBOA

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

O maior triunfo para o Sporting

NAS JORNADAS DOS NACIONAIS FOI A INAUGURAÇÃO DA SUA PISTA

Comentários por SALAZAR CARREIRA

OS campeonatos nacionais de 1943 não responderam ao nível da expansão do atletismo português, porque a colectividade que neste momento dispõe de mais forte conjunto de atletas se absteve de participar nas suas provas por qualquer motivo que também entendemos dever abster-nos de apreciar. As explicações de uma atitude, que em todas as circunstâncias é condenável, tomaram na opinião pública tantas feições que nenhuma adoptamos, com receio de incorrer em crime de boateiros.

Esperemos que o tempo esclareça a verdade, e talvez apareça então à luz motivo diferente de todos os sucessivamente invocados.

Sem a presença dos benfiquistas, os campeonatos perderam brilho e interesse, mas organizaram-se com toda a regularidade e foi sobre o Sporting que incidu todo o peso e a glória de lhes assegurar movimento e concorrência; valendo-se da dedicação e entusiasmo clubista da maioria dos seus atletas, de todos os que fazem desporto com a nobreza do sentido colectivo, o clube dos «leões» desempenhou-se honrosamente da incumbência inesperada e alcançou também um inesperado triunfo, que aparece agora afectado pelas circunstâncias que a política dirigente lhe criou, sem responsabilidade sua; mas de aqui a uma dezena de anos — esquecidos os pormenores — será o único facto arquivado pela história.

O maior triunfo sportinguista não foi, porém, o êxito forçado dos seus atletas: foi a inauguração da sua nova pista e a excelente prova dada pelas condições de piso. Que ela satisfaz aos fins a que se destina, provam-no os resultados, o testemunho dos corredores que a pisaram e de alguns mais que o não fizeram, certamente com saúde — mas que tiveram o leal desassombro de emitir opinião franca e competente.

O Sporting ouvimo-lo também, felizmente, a todos os dirigentes e praticantes honestos — prestou enorme serviço ao atletismo lisboense e — sem receos, afirmo — a pista do Lumiar é neste momento a melhor de Portugal. Custe muito embora a algum técnico catetadrático, daqueles que tanto se têm gabado a si próprios

BARREIRA DE SOL

A corrida noturna de quarta-feira, 1, número tantos do «Ciclo Gregoriano», não teve a esperada ênfase, porque o tempo não convidada e o interesse do cartaz fora atenuado pela substituição de mais novo dos Bienvenidas.

Os toiros de Cláudio Moura acusaram casta e cumpriram na generalidade, com excepção dos dois últimos. Outro tanto não pode dizer-se do animal de origem desconhecida com que teve de se haver o nável cavaleiro Murteira Correia, que mostrou vontade e serenidade, apresentando-se bem montado.

«Angelete», cuevo em esta plaza, confirmou a sua reputação de novilheiro «capoteiro» candidato a uma próxima alternativa. Com o capote mostrou-se inteiro e artista. Com a mula, embora o vento lhe prejudicasse o trabalho, revelou um pequeno detalhe que parece não entrar facilmente no entendimento de uma parte, a todos os títulos respeitáveis, do nosso público: a diferença que há entre realizar uma «faena» num espaço limitado de terreno, ligando bem os passes, mandando e obrigando o touro, e a exibição espectacular de alguns passes isolados, de maior ou menor efeito visual, intercalados numa autêntica corrida de velocidade em torno do redondeal.

Mas isso, que no fundo é tão simples, parece ser já matéria do 2.º ano. Esperemos que esse público venha a entrar com ela mais tarde, na companhia honrosa do seu ídolo Gregório Garcia, cujo treino nas arenas portuguesas, em competência com toureiros espanhóis, começa a revelar apreciáveis resultados, *verbi gratia* uma execução muito mais perfeita — e sempre emocionante — das sortes de banderilhas. Outro público desearíamos poder dizer em relação ao capote e à mula.

Guerrita (mexicano) e Montani (peruano) mereceram as palmas abundantes que colheram, porque mostraram vontade, dando honestamente o que de si podiam dar. Registemos de passagem a facilidade revelada pelo segundo para o emprego da mão esquerda no touro de mula, embora esteja ainda longe de correr a mão com suavidade, para ligar os naturais «em série», levando o touro bem torreado.

E ainda uma menção honrosa para dois excelentes peões de brega: o nosso patriótico Júlio Procópio e o já veterano Juanquín Manzanares (Mella), que em melhores tempos levantou muitas vezes a praça de Madrid, em péso, com a emoção dos seus monumentais pares de banderilhas.

J. E.

que já não abrem a boca senão para amesquinhar tudo em quanto não intervierem.

Sabemos que o grande clube do Lumiar, a colectividade de mais gloriosas e nobres tradições no atletismo português — pode-se prová-lo com facilidade a quem duvide — está na firme disposição de manter a actividade da sua pista, organizando competições semanais abertas a todos os atletas filiados na A. A. L. e iniciando imediato recrutamento voluntário dos novos praticantes que queiram ingressar na falange «leonina». Para começar, no domingo próximo, terá lugar a primeira sessão, oficializada, compreendendo as estações 4x200 e 3x100 metros «handicap», lançamentos do péso e salto em comprimento.

O Sporting teve a satisfação de ver o seu generoso esforço apreciado pelo sr. tenente-coronel Salvação Barreto, ilustre Director Geral da Educação Física e Desportos, que esteve no sábado no Estádio do Lumiar, acompanhado do sr. capitão António Cardoso, expressamente para a inauguração simbólica da nova pista.

O sr. Director Geral manifestou assim, com a sua honrosa presença, quanto reconhecia o trabalho levado a cabo — em prol do desporto nacional.

E esse trabalho vai ser continuado, pois o Sporting não considera a obra terminada: na próxima época a pista será alargada, para nela caberem mais corredores!

Falamos, afinal, até agora, mais da pista do que dos campeonatos; e o espaço hoje foi-nos avaramente medido... Deixaremos para a semana a apreciação pormenorizada, focando por hoje os excelentes tempos de Lourenço nos 200 metros, cujo «récord» está ao seu alcance, e nos 100 metros, em que o vento prestou ajuda; o progresso apreciável de João Jacinto nos 400 e 800 metros, a boa impressão confirmada por Coutinho Monteiro e a voluntariosa corrida de Manuel Nogueira nos 10.000 metros, dos quais quasi quatro mil percorridos contra fortíssimo vento.

Os saltos e lançamentos foram prejudicados pela brandura do terreno central, que fôra recentemente revolvido, mas Ruivo atingiu mesmo assim quasi os 13 metros e Manuel da Silva fez o seu melhor resultado; António Rodrigues venceu com merecimento e Herculano Mendes encerrou a sua carreira atlética conquistando o seu 25.º título de campeão nacional.

Os vencedores dos saltos foram João Durães, Alvaro Dias — um estroante da época, que subiu sem derrotas à máxima consagração — e Martins Ribeiro. De todos voltaremos a falar.

Para concluir esta crónica, só uma referência mais, elogiosa, aos campeonatos femininos, os mais animados, onde Olga Ribeiro «brilhou a grande altura», como se diz-se; e um reparo ao caso, que consideramos perigosamente exagerado, da atleta belenense Francelina Moita — que disputou em dois dias consecutivos 9 provas: todas as do programa feminino! Mais um malefício das pontuações colectivas...

VIDA NOVA PARA A ESGRIMA!

(Conclusão da pág. anterior)

provas da importância das taças «Mestre António Martins» e «Jorge de Paiva» e do «Grande Prémio de Lisboa», não parece de aconselhar que se efectuem agora outros torneios de espada, quando as salas estão encerradas e os seus atridores em má forma.

Dê-se começo, sim, ao trabalho relativo às competições oficiais de sabre e principie-se o metódico estudo da época de 1944, para que todos saibam com que contar.

E então — ano novo, vida nova! A esgrima morrerá, neste país de grandes esgrimistas, se não lhe acudirem — mas com decisão!

O Clube Náutico «Maro Nostrum»

apressa a conclusão das suas novas instalações na Cova do Vapor

QUANDO o ciclone de Fevereiro de 1941 destruiu as instalações de vários clubes desportivos, foram sem dúvida as náuticas, pela sua localização, as que mais sofreram. Uma delas, a do Clube Náutico «Maro Nostrum», instalado em Pedrouços, ficou totalmente destruída. Os seus dirigentes, entretanto, deram provas de vontade inquebrantável, não se deixando avassalar pelo desastre — o que seria normalíssimo... Não propriamente pelo desastre, mas sim pelas dificuldades materiais que isso ocasionou.

Passaram os primeiros momentos de expectativa e de mágoa por tanto trabalho perdido. Mas, nos poucos, o «Maro Nostrum» voltou a viver com os mesmos anseios e fé no futuro. De Pedrouços transplantou-se para a Cova do Vapor. Ai se ergueram novas instalações, e o clube, mantendo a finalidade para que fôra criado, não deixou de aliciar adeptos.

As instalações da Cova do Vapor são já excelentes. As obras, porém, ainda não estão totalmente concluídas. Falta ainda dar execução a parte do projecto. Para o «Maro Nostrum» é uma necessidade quasi vital; e, compreendendo isso, a direcção promoveu uma festa, no intuito de angariar fundos.

O programa, cuidadosamente elaborado, cumpriu-se à risca. Festa Náutica, — e não podia deixar de ser... — rematada por animado baile, êste entrecortado de números de variedades. Efectuaram-se várias corridas de natação pura e regatas, todas elas destinadas, exclusivamente, aos sócios do «Maro Nostrum».

Por tudo, emfim: uma festa simpática e de significado clubista, que impressionou favoravelmente.

CURIOSIDADES

O desporto: base de fortuna

E' vulgar, em variadíssimos assuntos que dignam respeito à America, apontarem-se números «astronómicos», quantias fabulosas, que, ás vezes, chegam a parecer inverosímeis! O desporto não foge a essa vulgaridade.

O leitor já observou, certamente, números relativos a competições, bólas que são verdadeiras fortunas, inutilizadas para combates entre os mais célebres «boxeuses», com receitas surpreendentes.

O «caso» de Sonja Henie é mais um exemplo a apontar. E porque nos parece interessante, pois entre os cinefilos portugueses ela conta muitos admiradores, trazemo-lo hoje à curiosidade dos nossos leitores.

Podê dizer-se que Sonja, a conhecidíssima patinadora norueguesa, «revolucionou» a América do Norte quando da sua primeira visita.

No «Madison Square Garden», que até 1925 funcionara como velodromo e neste ano sofreu melhoramentos que permitiram a sua utilização para espectáculos de pugilismo e artísticos, tinham-se celebrado já reuniões sensacionalíssimas e espectáculos da mais alta importância. Mas nada comparável com o que veio a registar-se quando Sonja ali fez a sua primeira apresentação...

O seu nome corria de boca em boca e a sua fama não tinha limites.

Muitas horas antes da anunciada para começo da exibição, já a lotação do vasto recinto se encontrava esgotada — senão excedida! Do entardecer até começo do espectáculo foram recebidas no «Madison» cerca de quatro mil chamadas telefónicas de outros tantos retardatários.

As portas tiveram de ser abertas às sete horas da tarde para se encerrarem vinte minutos depois, altura em que já dentro não cabia um alfinete, como é hábito dizer-se...

Quatro mil pessoas ficaram privadas de assistir!

Pouco depois das oito horas e meia, apagaram-se as luzes e a orquestra fez-se ouvir. Logo a seguir a encantadora Sonja entrou na

(Conclue na pág. 15)

Gracia e Beleza

A MULHER PORTUGUESA NO DESPORTO



VAI longe, felizmente, o tempo em que as raparigas portuguesas se mostravam avessas às coisas desportivas! Quando muito, apareciam na assistência de reuniões hípcas ou em espectáculos de outro género — mas somente para ver... E, às vezes, lá as viamos também cavalgando lindos corcéis, em seus fatos de «amazonas», à maneira antiga — quere dizer: montando no jeito próprio das senhoras de antanho, em «cadeirinha» ou selim apropriado, que a mulher por essa época era caracterizadamente mulher! Hoje, porém, sem que tivessem perdido graça e beleza, olham com mais atenção o desporto — num sentimento de verdadeira utilidade que lhes adojm da prática dos exercícios físicos. E onde antigamente parecia impossível que a mulher aparecesse — é hoje um «caso» banal... Vêmo-la nas pistas de atletismo e nas piscinas de natação; vêmo-la nos «courts» de ténis e nos campos de «golf»; vêmo-la nos estádios praticando «basket» ou «hockey». Aparecem igualmente nos hipódromos, em reuniões de patinagem ou na sala onde se joga o ténis de mesa.

A mulher portuguesa emancipou-se e também pratica os desportos — mesmo os de mais difícil execução ou os mais perigosos. Isto, claro está, é um pouco a cópia do figurino estrangeiro e tem muito o reflexo do tempo que corre. Os tempos, realmente, são outros. Inteliramente diferentes. E as nossas raparigas aperceberam-se já de que não são, a bem dizer, nenhuma «gatas borralheiras», nem mesmo «flôres de estufa»! A vida ao ar livre dá-lhes saúde e alegria, contribuindo para as tornar mais belas. A ginástica praticada com método é excelente auxiliar do aperfeiçoamento físico — e a mulher assim o compreendeu. Finalmente! E felizmente. Os desportos são simples acessórios; uns mais violentos — dizem mestres e entendidos! — mas outros, também, mais benignos na execução. E esses, como o «golf» e o ténis, a patinagem e a velocipedia, o hipismo e a natação, o «basket» e o «hand-ball» (já por que motivo o não praticam as nossas raparigas?) o ténis de mesa e o «hockey» — são, tudo, modalidades desportivas a que a mulher pode e deve dedicar-se. Não falando, claro, porque isso é a base de tudo, na ginástica...

É realmente agradável de vêr-se, manhãzinha cedo, mal o sol desponta, bandos de raparigas pedalando nas suas bicicletas — ou cavalgando montadas de raça. Os campos, as pratas, os estádios e as piscinas movimentam-se. Saúde e alegria. Beleza. Graça e juventude. Tudo irmanado — em perfeita comunhão desportiva. E a mulher portuguesa triunfa. E as nossas raparigas, abolidos preconceitos que já não se usam — figuram galantemente nas festas do desporto. Bem hajam.

Apresentam-se aqui, nesta primeira crónica, de uma série que há-de continuar — pois o assunto é vasto e longuíssimo o «campo de manobras» — alguns grupos de raparigas desportistas. Ao alto da página, um friso insinuante das «bassetistas» do Aleneu Ferroviário; ao centro, numa fase de corridas; e em baixo, outro friso gracioso da Fábrica Simões, de Benfica, num conjunto de patinagem que José Prazeres orienta com o saber de mestre da modalidade e a experiência adquirida em muitos anos de prática.



Corrija o seu ESTILO

A fotografia é fiel reflexo das atitudes atléticas e serve para anotar defeitos e virtudes

1 — Karl Mayer, campeão de Lisboa do lançamento do péso. 1 — Toda a posição é defeituosa; o lançador deve estar em apoio sobre a perna esquerda, que lhe sorviu de eixo para a rotação da bacia e do busto. O calcanhar esquerdo devia estar em apoio, a perna esquerda em extensão, a bacia na vertical do pé e a anca direita já avançada pelo impulso da perna correspondente. No momento em que o braço actua, o péso do corpo incide quasi apenas sobre o membro inferior esquerdo, mas...

2 — O pé direito veio deslizando pelo solo até ao ponto que há-de ocupar depois do arremesso, para assegurar o equilíbrio dentro do círculo. O esforço de extensão dos membros inferiores é simultâneo.

3 — O cotovelo esquerdo não recuou para impulsionar a rotação escapular, que traz o ombro direito de traz para diante e de baixo para cima, antes da extensão do braço.

4 — A acção do braço é apoiada por todo o péso do corpo, motivo pelo qual é indispensável que as pernas e o tronco estejam em completa extensão e o centro de gravidade se adiante à base de apoio do pé da frente.

5 — Caucionando a observação com possível erro de interpretação fotográfica, o péso parece empurrado pela extremidade digital, em vez de o ser pela base dos dedos e região palmar. Também a extensão do braço é demasiado dirigida para cima, quasi na vertical, o que só é explicável admitindo que o impulso não é feito por extensão directa do ombro, e provavelmente irregular.

2 — Arnaldo Borges, campeão do Norte em salto à vara.

1 — A posição arqueada do corpo é contrária às normas de aproveitamento do salto, mas é provável que a mecânica de transposição da barra não tenha exigido esforço mais apurado, em virtude do apoio das mãos se encontrar à altura a transpor. Anotamos no entanto o defeito, porque é com certeza devido à conser-



vação da atitude em alturas superiores que as tentativas falham.

2 — As mãos foram largadas ao mesmo tempo, quando a regra manda que a de cima se demore mais e só largue a vara ao iniciar-se a queda.

3 — A posição do corpo não está perpendicular à barra, o que pode significar insuficiência de corrida preparatória ou precocidade condenável no desprendimento das mãos.

3 — Herculano Mendes, detentor do "récord" nacional do lançamento do martelo.

1 — Os braços estão bem estendidos à frente do corpo (a ligeira flexão do braço esquerdo é devida a rotação do corpo precedendo a esfera) e descontraídos (não há relêvo muscular). O ombro direito puxado à frente prova também que não existe intervenção activa dos músculos dorsais. Lembramos aos leitores, para os orientar nas suas observações, que Herculano é canhoto, e o martelo gira, portanto, da esquerda para a direita.

2 — O tronco inclinado no sentido da rotação assegura o equilíbrio contra a força centrífuga e a bacia recuada serve para facilitar no final a intervenção dos músculos dorso-lombares.

3 — Rotação sobre a ponta do pé, joelho flectido, ficando mais avançado do que o pé, anca em posição recuada; a perna de apoio está francamente bem.

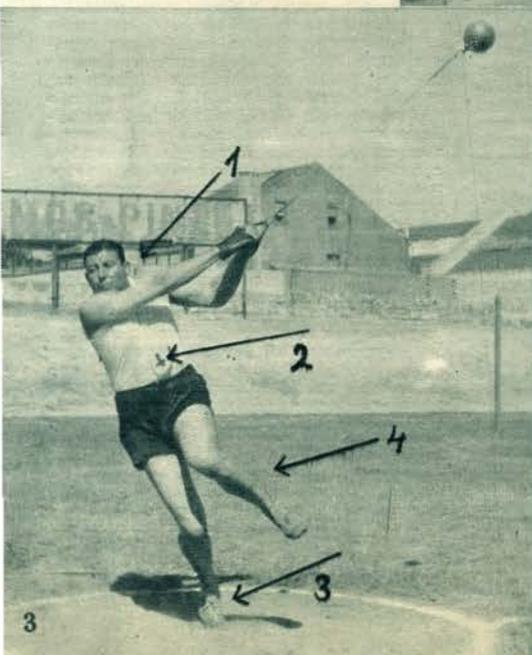
4 — Esta perna subiu desnecessariamente alto e verifica-se a adução do joelho, que atira o pé para fora e o desvia da trajectória normal; a incidência de apoio, indo de fora para dentro e não de traz para diante, perde segurança.

NOTA — Lêmos e examinámos com muita atenção o interessante estudo do estilo de Cadete, da autoria do nosso prezado amigo Eduardo Soares, inspirado pelos mesmos princípios que orientam esta secção.

Parece-nos, porém, que ele não corresponde à realidade e foi desvirtuado pelas "poses" absolutamente artificiais das fotografias numeradas 4-A, B, C e D, nas quais apenas se atendeu ao movimento do braço direito.

Não é felizmente assim que Cadete lança o dardo; nem pernas, nem tronco, nem braço esquerdo ocupam a posição devida e isto, apresentado como o foi, pode induzir os aprendizes em erros graves.

Procuraremos nos nacionais focar em movimento o estilo do nosso "recordman" nacional.



UM CASTIGO, UMA DIS-
SIDÊNCIA E UMA CRISEque prejudicam o
ciclismo nacional

A TÊ hoje, sempre que tivemos necessidade de abordar assuntos de interesse para a velocipédia, fizêmo-lo analisando os casos objectivamente e na generalidade, desprezando o pormenor pessoal, embora na maioria das circunstâncias sejam as atitudes, as resoluções ou os comportamentos individuais que provocam quasi todos os conflitos e crises do ciclismo português. Assim, desinteressando-nos do «caso» pessoal, a que depois toda a gente se cinge para justificar os seus procedimentos, podemos, com calma e isenção, examinar os «porquês» das questões e conseguir — já tanta vez com êxito — solucionar ou harmonizar interesses prejudicados e resolver questões que parecem querer eternizar-se.

Todavia, no actual «caso» do ciclismo lisboeta, para que possa ajuizar-se que a razão não está, como dissemos na quarta-feira, do lado da U. V. P., e ainda para demonstrar que a tinhamos quando afirmámos, no relato da prova onde se verificaram os actos que provocaram tal baralhada, a que era necessária mais calma e ponderação dos dirigentes», temos de nomear e focar procedimentos que, saindo totalmente do âmbito directivo, tornam-se exclusivamente de acção e responsabilidade puramente pessoal.

Assim, perguntamos: quais foram os motivos que provocarem os acontecimentos actuals, que tiveram já como consequência directa a não efectivação do festival do passado dia 29, a supressão total da actividade do G. D. «A Iluminante» e a imobilização de alguns dos mais cotados estradistas nacionais, tais como Lopes, Rebêlo, Raposo, Martins e A. Jacinto?

Simplesmente isto: o clube em questão não se conformar — por achar injusto, extemporâneo e aplicado arbitrariamente, contra tudo quanto está estabelecido, e em face de argumentos que não condizem com a verdade dos factos — com um segundo castigo imposto a Alberto Raposo.

Podia a U. V. P., ou por outra, haveria razão para aplicar esse segundo castigo, sabendo-se que Raposo já havia sido castigado em plena prova com a pena de desclassificação e perda do prémio conquistado?

Não senhor. E porquê?

Porque a falta cometida por A. Raposo, «corde da corda» a um adversário que com êle disputava uma embalagem, é uma falta de carácter técnico — tal como uma passagem de testemunho, mal feita, uma partida irregular ou um despiste para a «pelouse»: e, assim, só poderia ser punido com a pena aplicada pelo júri; desclassificação e perda de todos os prémios ganhos no momento dessa falta.

É certo que esse mesmo júri — a quem pertenciam exclusivamente todas as atribuições directivas da corrida — ainda podia ampliar o castigo com multa. Mas não está certo, e isso até brigou com a dignidade do próprio júri, que outra pessoa qualquer, sem funções oficiais na prova, fôsse arbitrariamente ampliar, ou melhor, renovar o castigo já aplicado, tal como foi feito em momento menos reflectido pelo nosso camarada Manuel Mota.

Houve, então, da parte de um dirigente do Iluminante, reacção forte contra a intromissão do nosso camarada nas funções do júri, porque essa intromissão, feita por sinal em termos exaltados ao microfone do Estádio, só serviu para que o público também reagisse contra o corredor, o que levou o mesmo dirigente a mandá-lo abandonar a pista.

Mas a falta de calma não se quedou por aqui.

Com Raposo, admoestado, desclassificado e multado ainda por Manuel Mota, e depois de ter desistido — tudo feito, diga-se em abono da verdade, disciplinadamente, a contrastar com certas «lutas» tomadas noutras ocasiões — ainda se lembraram, não sabemos com que propósito, de suspender o mesmo corredor por 30 dias, argumentando-se que o castigo era motivado por «acidentes na pista e desperpelo do público e ao júri.»

Nunca pactuámos com indisciplinados e te-

O VELHO E PRESTIGIOSO C. I. F.
e a nova fase da sua actividade

NO meio do publico aficionado da «bola» muito raro haverá quem se lembre onde começou a jogar-se o futebol. Os novos, conforme as suas simpatias, pensam que um ou outro clube foi pal incontestado do jôgo popular ou que deu o pontapé de saída para a época doirada dos torneios apaixonantes. E, no entanto, o jôgo começou, depois dos primeiros «abicãos» com a bola trazida de Inglaterra pelos irmãos Pinto Basto, com composição regular, no «Internacional».

Durante anos, o Clube Internacional de Futebol compete com outros clubs nos campeonatos, fornece os seus melhores elementos para grupos representativos, faz com êxito excursões desportivas ao estrangeiro. Mas, a certa altura, afasta-se das provas oficiais. O futebol adquire características que não se coadunam com os princípios do amadorismo e o C. I. F. prefere abandoná-lo a passar sobre êles. Desaparece do publico e entra, a pouco e pouco, em esquecimento. Continua, porém, com entusiasmo, a cultivar o atletismo, desporto em que os seus atletas constituíram o mais forte nucleo do país e conquistaram os melhores «tempos». Mas também, de ano para ano, as camisolas negras vão sendo em menor numero. Efeito dos processos de recrutamento seguidos nos grandes clubes... Pelas mesmas razões deixou o simpático Clube dos Vendedores de Jornais de se mostrar com os seus valorosos corredores de fundo.

O facto de ter dificuldades para a constituição de grupos representativos não distorreu, por completo, o trabalho do C. I. F. Com uma pequena massa associativa, conserva com integridade gloriosa as suas tradições de puro amadorismo e trabalha sempre, indiferente à corrente de popularidade. O tênis occupa-o, com interesse, no «basket» e no «volley» apresenta grupos de certo valor. Faz futebol em família. Não perdeu nunca a esperança de recuperar no atletismo a posição de que desfrutou.

Ora foi justamente este desporto que nos levou a procurar averiguar os projectos do C. I. F. Com efeito, nesta época notou-se um pequeno grupo dos seus atletas, cheio de vontade, prometedor. Ouvimos aquêles a quem se deve a nova fase de «crescimento» do atletismo no Internacional.

A frente da direcção do clube está hoje Kruss Gomes, figura prestigiosa do desporto português. Foram buscá-lo para a actividade num momento de autentica inspiração. E' verdadeiramente notável a sua obra dentro

mos sido sempre os primeiros a condenar, sem reticências, todos os actos menos dignos dos nossos estradistas. Mas desta vez não podemos concordar que se atribua a Raposo faltas de disciplina. Que êle foi e é por vezes «gaiato», concordamos; que êle «cortou a corda» a Inácio, como já havia feito o mesmo a Martins, sem ninguém desta vez reagir, talvez por uma questão de parcialismo, também estamos de acôrdo. Mas que se suspenda um corredor por uma falta técnica, que taxativamente é punida com penas que devem reflectir-se nos resultados da própria corrida, isso é que não compreendemos. Como também não compreendemos o motivo por que não se elucidou «toda» a direcção da U. V. P., que elaborou o castigo, de que o corredor tinha sido multado pelo nosso camarada Manuel Mota — e que fôsse o próprio júri, que já o havia desclassificado, que anulasse tal punição para depois lhe aplicar outro castigo — por sinal descabido!

Houve-se um pouco mais de calma na análise dos factos, ponderasse-se com mais imparcialismo todos os prós e contras da questão, não se levasse em linha de conta, com tanto afincio, questões pessoais — e estamos certos que nem Raposo se ufanaria de lhe deixarem passar impune a sua falta, nem hoje teríamos a lastimar mais uma dissidência nas hostes velocipedicas, dissidência que tão prejudicial pode ser para o já tão mal tratado ciclismo português!

GIL MOREIRA

do clube. E' preciso conhecer quanto custa manter nesta época uma associação desportiva, sem bilheteira, para dar péso à dedicação de Kruss Gomes, secundado por outros companheiros de todas as horas, igualmente dedicados, como Assis e Vieira.

Para o presidente da direcção do C. I. F. e para os seus colegas, o atletismo tem de ressurgir. E para o conseguirem não se poupam a esforços. A tarefa é muito difficil. Sabem-no. Mas não desanimam por isso. Compreendem que é necessário começar, verdadeiramente, pelo principio. Fazer nova escola, o que leva anos. Nada os intimida. Preparam as suas coisas sem ilusões e sem precipitação. Entusiasmam a massa associativa, dão-lhe todos os factores possíveis de preparação e olham o futuro com confiança.

Kruss Gomes tem a atenção de nos desenvolver, sem contrangimento, os seus projectos. Diz-nos que não ignora como é desigual competir com os grandes clubes, que, mais ou menos habituados ao regime das «facilidades», não hesitam em seduzir todas as «promessas» que apareçam nos pequenos grupos. Por outro lado, conta com a corrente de simpatia que há feita para esses mesmos clubes em algumas escolas. Efectivamente, a maioria dos atletas que praticam atletismo não são profissionais, mas a tróço de pequenas facilidades — que uma vez por outra são menos pequenas... — compreende-se que prefiram os que as dão. O C. I. F. conhece estes processos, mas tem sempre presente as regras do amator, de resto mais rigorosas na Federação Internacional de Atletismo que em nenhuma outra. Não as atropelará nunca. Lutará dentro delas. Espera que a nossa Federação modifique as suas condescendências. Não será difficil provar que as tem tido. Campeões nacionais de atletismo não o poderiam ser por terem categoria de profissionais noutro desporto. As disposições da Federação Internacional são expressas a este respeito. Mas espera ainda Kruss Gomes a acção moralisadora da Direcção Geral da Educação Física e Desportos, à frente da qual está o seu antigo companheiro no C. I. F., o sr. tenente-coronel Salvação Barreto. Uma vez que a Direcção Geral leve as Federações ao cumprimento dos seus regulamentos, necessariamente se fará alguma distinção entre os desportistas que oficialmente recebem subsídios e os amadores. Dar-se-á a luta franca e sem tréguas ao falso amadorismo.

Entretanto, no C. I. F., onde há a certeza de que pela intervenção daquêl organismo o desporto sofrerá benéfica operação de saneamento, prepara-se o futuro do atletismo.

Já nesta época se fez alguma coisa. Os treinos, embora tenham começado um pouco tarde, foram regulares e seguidos por técnicos competentes. Obsequiosamente, Ernesto Melo e José Nobre Guedes, o primeiro um nôvel diplomado pelo I. N. E. F., o segundo diplomado pela «Reichsakademie fter Leibesbung», de Berlim, dirigiram, nas várias modalidades, a preparação. De começo, a matéria prima não abunda. A massa dos associados não tem grande volume e a corrente desfigura-se. No entanto, não é razão de desânimo. Para o ano será melhor — e nos que se seguirem melhor ainda. Assim se pensa no C. I. F. O clube dispõe de uma camada de jóvens que não pode representar outras cores, por sentimento ou por instintiva repugnância por toda a espécie de compensação lucrativa para os seus esforços atléticos.

Segundo nos diz Kruss Gomes, olha-se mais, desde já, para a época próxima, do que para aquela que está correndo. Há projectos, trabalhos em perspectiva. Os rapazes estão cheios de vontade. Prometem para o ano começar com maior antecedença. As coisas estão-se dispondo para que, na volta de férias, se dê inicio a uma classe de gymnástica de preparação desportiva, que José Nobre Guedes dirigirá. A direcção do C. I. F. convencerá os seus homens de que não bastam quinquês

(Conclua na pág. 14)

Hockey e patinagem

As taças «Conde Politi de Nussignano» foram ganhas pelo Dramático de Cascais e Paços de Arcos H. C.

A PATINAGEM é um desporto que não tem «defeitos»! As épocas, ou as competições (como melhor soe), têm tido nos dois últimos anos continuidade que nos leva a crer is-o mesmo. E ainda bem que assim sucede, porque, na realidade, os desportos do «stick» — e em especial a patinagem pura — são desportos de todo o ano... Não conhecem «estações»! Mal acabou o campeonato nacional de «hockey», logo se fizeram os torneios de patinagem; e, depois, vários jogos particulares — que os jogadores não gostam de estar inactivos e a modalidade tem público fiel, que contribue de boa maneira! — com uma seqüência muito para louvar.

O último torneio foi organizado pelo Grupo Dramático e Sportivo de Cascais, em homenagem ao sr. conde Politi di Nussignano, grande amigo da colectividade e praticante entusiasta de vários desportos.

Nesta competição, e em «poule» de uma volta, disputaram-se duas taças — com o nome daquele titular. Concorreram, por convite dos organizadores, o Desportivo dos Tabacos, um clube que começa a tornar-se conhecido, o Sporting de Oeiras e o Paço de Arcos H. C. Este último saiu vencedor, contando por triunfos as partidas em que tomou parte: três.

A prova em questão movimentou extraordinariamente o meio, pois o «rink» de Cascais — talvez o melhor do país — teve sempre boas assistências. Houve interesse do público e animação nos jogos, que foram seis, repartidos por três noites. Mas a melhor jornada foi talvez a última, na qual o Sporting de Oeiras bateu os campeões da II Divisão, por 10-3 (o Tabacos não foi feliz na competição, perdendo todos os desafios por «scores» rotundos: 2-6 do Paço de Arcos; 0-10 do Cascais e 3-10 do Oeiras) e o Dramático, organizador do torneio, deixou-se «surpreender» pela segunda categoria do Paço de Arcos, perdendo por 2-5. Foram dois desafios que interessaram, mormente o último, no qual se esperava a vitória dos cascaenses. No final procedeu-se à entrega das duas taças e a direcção do Dramático ofereceu ao sr. conde Politi di Nussignano uma linda «plaque» de marmore com o distintivo da colectividade.

Nesta prova, a classificação final foi a seguinte:

	V.	D.	«Goals»	P.
Paço de Arcos	3	—	33-6	9
Dramático de Cascais	2	1	15-7	7
Sporting de Oeiras	1	2	13-3	5
Desp. Tabacos	—	3	6-26	3

As taças «Conde Politi di Nussignano» foram ganhas, respectivamente, pelo Paço de Arcos Hockey Clube (a principal) e pelo Grupo Dramático e Sportivo de Cascais.

Outras notícias

Vai disputar-se a Taça de Honra-1943, o primeiro troféu em competição oficial depois dos campeonatos nacionais e regionais. A prova podem concorrer apenas os clubes que tomaram parte no último campeonato, que são 12, a saber: Académica da Amadora, Ateneu Commercial, Benfica, C. A. Campo de Ourique, Dramático de Cascais, Desportivo dos Tabacos, Futebol Benfica, Hockey de Sintra, Lisgás, Paço de Arcos, Sporting e Sporting de Oeiras.

Entra-se na quinta edição da prova, que teve já os vencedores seguintes:

- 1939 — Sporting.
- 1940 — Futebol Benfica.
- 1941 — Futebol Benfica.
- 1942 — Paço de Arcos.

Qual deles vencerá agora? Eis uma incógnita que não estamos habilitados a resolver... Inclina-mo-nos, contudo, para nova fase da luta dos últimos anos, em todas as competições em que entrem Futebol Benfica e Paço de Arcos. — Na outra modalidade dos desportos do

DESPORTOS NAUTICOS

Os velejadores portugueses

e a sua constante actividade

MAGNÍFICA, em todos os aspectos, a actividade, o interesse e o entusiasmo que os desportos de vela apresentam este ano. Sucedeu-se as organizações, tendo as provas decorrido no melhor ambiente. Apareceram novos valores, desportistas que são dignos sucessores dos nossos melhores nautas, cujos nomes rodeiam de prestígio as associações portuguesas especializadas.

Na enseada de Pedrouços são às dezenas as embarcações, que, de velas enfiadas, singram magestosas na ondulação do rio, completando a beleza surpreendente do nosso lindo Tejo.

A modalidade desenvolve-se em iniciativas utilíssimas, constituindo o melhor exemplo de como foi valiosa a propaganda promovida para o ressurgimento dos desportos náuticos.

Algumas provas desta temporada recordam-se pelo seu brilhantismo e grande interesse.

O «Dia da Vela», com os seus campeonatos nacionais; a disputa da taça «Comandante Soares de Oliveira»; o campeonato nacional de «sharpies» de 12^{m2} — uma prova de organização magnífica e com todas as instruções respeitadas a rigor — os campeonatos de monotipos C. N. P. (um triunfo para a iniciativa do Clube Náutico de Portugal, de criar este tipo de barcos, tão próprios para aprendizagem); o campeonato de «sharpies» de 9^{m2}, a que concorreram 14 barcos — número de concorrentes nunca igualado nesta categoria. Em resumo, uma série de provas de que fica excelente recordação — e oxalá seja indicativo de futuro ainda melhor nos desportos de vela.

As duas regatas oceánicas não deixaram esquecidos os nossos «yachts» de cruzeiro de alto mar e pequeno cruzeiro. Se na taça «Wintermantel» a calma prejudicou totalmente a prova, na grande regata oceânica — para disputa do «Trofeu Dr. Oliveira Salazar» — mais uma vez os nossos velejadores souberam impôr-se como experimentados homens do mar. E isso não admira, porque Portugal é um país de marinheiros...

No decorrer da última semana registou-se grande actividade.

O Pedrouços promoveu diversas regatas, para várias classes de embarcações, despertando especial curiosidade aquelas a que concorreram «botes de espelha» de 4, 4.50 e 5 metros, e «bastardos» de 5 a 8 metros. Estas regatas do Pedrouços têm características especiais — porque se revestem, sempre, de certa popularidade. Por isso a constante animação entre os tripulantes dos «botes».

A «Mocidade Portuguesa», contribuindo tão valiosamente para despertar na juventude o gosto pelos desportos náuticos, organizou, no Barreiro, as suas provas de «lusitos» — indicação de que, ali, o centro especializado de vela continua trabalhando com interesse.

Mas desta «movimentação» dos deportos da vela distinguu-se o campeonato de 1943 da «Frota Star de Lisboa». As elegantes embarcações — uma classe de barcos que entre nós conta tantos entusiastas e admiradores — disputaram uma série de cinco regatas. Os cinco «stars» concorrentes foram tripulados por Joa-

quim Fiuzza - Júlio Gourinho, Ernesto Mendonça-Carlos Carvalho, Jorge e João Schedel, Duarte e Fernando Belo, João Capucho Júnior-D. António Herédia.

«stick», o «hockey» em campo — que também tem direito à vida! — fez-se igualmente a assembleia geral. A direcção da Associação de Lisboa apresentou as suas contas — que dão um prejuízo, na época, de 680 escudos — verificando-se que durante a gerência houve o movimento de cerca de 7 contos (menos 10580...) por motivo, especialmente, das organizações dos V e VII Pôrto-Lisboa e do Lisboa-Macaístas, que deram um prejuízo aproximado a três mil e quarenta escudos! Mas ficou a certeza de se ter produzido obra útil, no aspecto de propaganda — e isso interessa sobretudo num desporto que «vegeta» à sombra de incalculáveis sacrifícios e merecê de inúmeras dedicações.

Os dirigentes do «hockey» lisboeta assim o compreenderam, tanto que propuseram para sócio honorário da Associação o sr. João da Cruz, nosso amigo e desportista de bom quilate, muito dedicado à modalidade.

quim Fiuzza - Júlio Gourinho, Ernesto Mendonça-Carlos Carvalho, Jorge e João Schedel, Duarte e Fernando Belo, João Capucho Júnior-D. António Herédia.

O campeonato de «stars» de 1943 caracterizou-se especialmente por uma excelente jornada de propaganda — não só da vela, como destes lindos barcos. E nas cinco regatas efectuadas reinou sempre o melhor espírito desportivo e sã camaradagem.

Joaquim Fiuzza foi o vencedor, como já o havia sido em 1942. E embora as suas regatas não se nivelassem igualmente pela mesma regularidade, o triunfo é merecido. «Starista» de reconhecido mérito — o seu nome fica muito bem inscrito em mais este campeonato.

Quanto à «Semana da Vela», podemos considerá-la como valioso produto do grande interesse despertado na prova de 1942. Foi, como então, organizada pelo Sport Algés e Dafundo e Associação Desportiva da Brigada Naval, com a colaboração do Clube Naval de Cascais — uma colectividade que este ano tem marcado comparsa elogiosa nas actividades da vela. «Stars», «vougas» e «sharpies», bem acompanhados dos «yachts» de cruzeiro e meio cruzeiro, navegaram — no rio — em disputa das diversas regatas que constituíram outra brilhante jornada de propaganda da vela.

FERNANDO SÁ

TRABALHANDO...

O próximo torneio de «water-polo»

patrocinado pela «Stadium»

A TRAVÉS da leitura do regulamento do torneio de «water-polo» elaborado pela Federação Portuguesa de Natação, perpassa, bem clara, a ideia construtiva que animou os dirigentes federativos ao tomarem a iniciativa de fazer reviver esse jogo interessante e emotivo que é o «water-polo». Por nossa parte sentimos-nos desvanecidos com o facto, pois a ideia foi lançada nestas colunas, partindo, portanto, de um dos nossos colabos, radores. Chegou, pois, o momento de deixarmos — de vez — de nos conformar com os erros do passado, aceitando por comodismo o que outros haviam feito em obediência à lei do menor esforço, com prejuízo evidente para os interesses do desporto. Interessamo-nos, sim, apelar para o espírito de compreensão de todos os clubes que tenham possibilidades de concorrer ao torneio.

Em Lisboa, onde é lógico aceitar que o torneio atingirá maior desenvolvimento, podemos em princípio admitir como prováveis concorrentes o Algés, Estoril Plage, Alhandra, Atlético, Nacional, Pedrouços e Sporting, clubes que pelas suas tradições adentro da modalidade não deixarão, por certo, de dar a sua cooperação — tão útil quanto necessária. Este é um dos aspectos não menos interessantes do torneio, porque os organizadores foram pródigos na concessão de prémios: além da taça «Stadium», oferecida pela nossa revista e principal galardão do torneio lisboeta, a Federação oferece, também, taças e medalhas. Todos aqueles que se distinguirem, alcançando as melhores classificações, terão, assim, a justa recompensa do seu esforço e do seu trabalho.

O torneio alarga-se também à província — e ela bem merece que lhe dediquemos algumas palavras de incitamento e de desejo de franca e leal colaboração. A província teve, há dias, nos campeonatos nacionais de natação, comportamento meritório. Coimbra, segunda Associação do país, centro natatório em franco progresso, responderá de forma positiva — disso estamos certos — à nossa iniciativa, como Aveiro e Pôrto, centros com tradições no «water-polo».

Nas várias do nosso torneio de «water-polo», confiamos na boa colaboração de todos os clubes, no sentido de dar corpo a essa ideia que acalentamos — o ressurgimento do «water-polo» em Portugal.

os Campeonatos Nacionais de Atletismo

· INAUGURARAM · A · BELA · PISTA · DO · SPORTING ·

Coutinho Monteiro, do Academico, que triunfou nos 1.500 metros



A chegada dos 3x60 metros femininos: Olga Ribeiro, a brilhante desportista "leonina", vence por um peito depois de exultante recuperação



Manuel Ribeiro, do Sálguieiros, vencedor do triplo-salto



Fernando Lourenço, do Sporting, campeão dos 100 e 200 metros



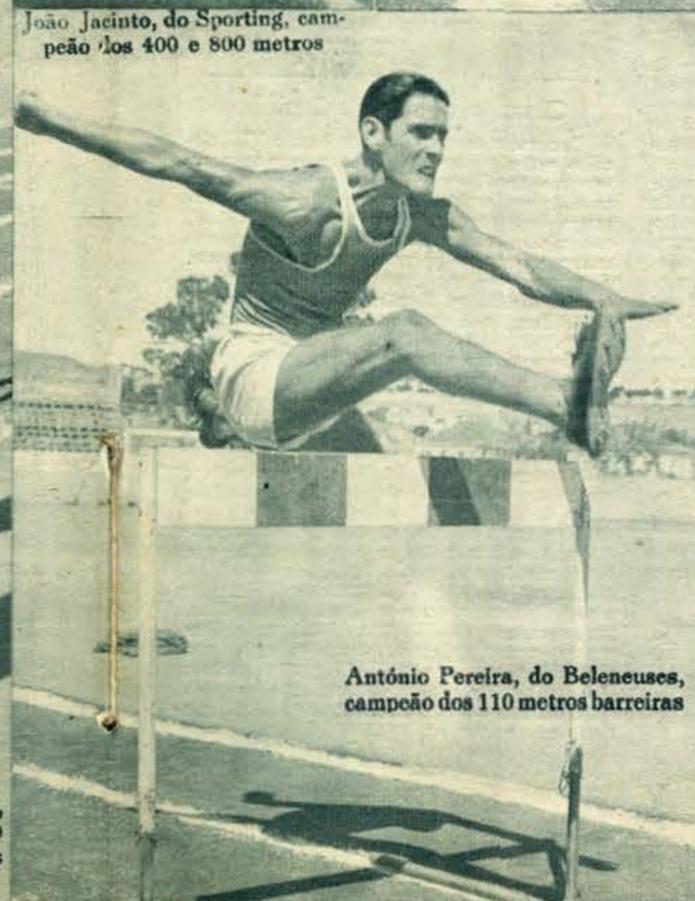
Francelina Moita, do Belenenses, que estabeleceu novo "record" nacional do dardo



Herculano Mendes, do Académico, mais uma vez campeão do peso e que se despediu no domingo da actividade desportiva



Manuel Nogueira, do Sporting, campeão dos 5.000 e 10.000 metros, corre seguido de dois atletas portuenses



António Pereira, do Belenenses, campeão dos 110 metros barreiras



Beleza e desporto... O grupo das gentis concorrentes aos nacionais de 1943

Análise à situação do atletismo portuense

AGORA, que chegámos praticamente ao final da temporada atlética de 1943, analisemo-la nos seus pormenores essenciais, tirando dos seus defeitos e das suas virtudes conclusões capazes de contribuir para melhor futuro do atletismo portuense.

Pode dizer-se, a-pesar do ambiente «pardo» que rodeou a nossa actividade atlética, que a época de 1943 decorreu de maneira agradável, pois não só se efectuaram todos os habituais campeonatos, como também os clubes capricharam em apresentar valiosas «turmas» de gente nova, que se mostraram vivamente interessadas nas diversas competições em que tomaram parte. E isto é importante, sabendo-se que a modalidade só poderá progredir com o renascimento criterioso da «população praticante». Só por isso, pois, a época que está prestes a findar merece classificação agradável.

É certo que se notaram deficiências várias — e algumas delas graves — no decorrer da temporada, mas essas — caso singular! — partiram exclusivamente dos dirigentes, que passaram o inverno sem organizar uma única prova de «cross», e que, chegado o verão, desertaram dos lugares de «comando», que tinham aceitado tão ostensivamente...

Por isso mesmo, são dignos de louvores os

Notas... sem valor

NÃO há ainda dirigentes no Académico F. C. e F. C. do Pórtol... No dia da assembleia geral, faltava o melhor — a lista com os nomes para os corpos gerentes. Voltam a relinir-se, para solucionar a questão.

— Os dirigentes dos clubes do norte, bastante saturados com a «birra» dos seus funcionários da bola, procuram outra característica desportiva, adaptada ao meio associativo. Gente nova, sem o certificado de «ás» — o ponto de segurança — é agora, por uma questão de necessidade, o maior reforço dos clubes do Pórtol.

— Nos treinos aparece, portanto, nova geração futebolística, com um objectivo definido — progredir e ser útil ao seu clube. A camisola — o maior símbolo do atleta — é integralmente defendida, com o seu esforço, nas competições futuras. É já tempo suficiente de acabar com os «assalariados»...

— Acabou o «basket-ball» com o último campeonato da Federação Portuguesa. No entanto, já andam por aí, nos centros... novos «rumores» — futuras indicações. Um, pelo menos, já «abriu» a boca...

— Na esquina de uma rua da Baixa, duas figuras do desporto-rei projectavam o plano da sua futura organização futebolística. A «subida» da turma, rapidamente, é indispensável — dizia um dos «figurantes» da entrevista... Concluiu-se, portanto: novas surpresas na próxima época...

— Os «quatro» da Associação Portuense de Hockey em Campo, sem a «carta»... de «catedráticos», deram uma lição ao júri — aos treze clubes filiados. Fecham a gerência com o seu relatório e contas devidamente justificadas.

— O «trio» da Associação de Braga tem coisa boa. O campeonato regional tem mais interesse, pelo equilíbrio dos grupos. O Famação está na «berlinda» — e muito discutido no distrito de Braga.

— Rectificamos o «suelto» referente ao juiz-árbitro da primeira jornada dos campeonatos regionais de seniores: «Na primeira jornada dos campeonatos regionais de seniores, o juiz-árbitro tentou «queimar» um colega do júri. Deve lêr-se: «o juiz de concurso tentou «queimar» o juiz-árbitro». Assim está certo — e é a expressão da verdade do acontecimento.

dedicados desportistas Arnaldo Borges, Roberto Machado e Eduardo Silva — ficam aqui registados os seus nomes para a história...

— a quem se deve a realização dos campeonatos de pista, que estiveram à beira de ter a mesma sorte que os campeonatos de «cross»...

Felizmente, porém, os campeonatos de pista fizeram-se; e se bem que em datas pouco próprias e com organizações improvisadas, deixaram-nos a consoladora certeza da existência de um valioso grupo de jovens praticantes como poucas vezes tem registado a história do atletismo portuense. E este facto é mais do que suficiente para apagar as tristes deficiências registadas.

Todo o trabalho futuro deve ter, pois, por mira o aproveitamento desse referido grupo de jovens praticantes, os quais, bem orientados, podem muito bem levar o nosso atletismo ao posto a que temos justo direito — e obrigação de alcançar. E é precisamente neste objectivo que vamos dirigir as nossas futuras crónicas, estudando o valor das equipas, as razões do nosso atraso técnico e os meios de que dispomos para trabalhar.

O primeiro passo a dar-se, e desde já, deve ser destinado a reorganizar os serviços administrativos e técnicos da A. P. A., onde tudo está por fazer desde 1941! Arrumada a casa e eleita uma direcção — e isto deve ser feito até Outubro, o mais tardar — pensaremos então na propagação intensiva da modalidade, quer por meio de competições, quer por conferências técnicas.

Continuaremos...

EDUARDO SOARES

Contrastes...

As assembleias gerais de dois importantes clubes da cidade foram infrutíferas, porquanto, convocadas para eleição dos corpos gerentes para a época próxima, não puderam cumprir a sua finalidade pela simples razão de não haver listas de candidatos.

Foi uma data perdida e — quanto a nós — de recuperação difícil, dada a escassez de tempo que existe para o cumprimento da determinação da Direcção Geral, que fixou o dia 3 do corrente, como o último para recebimento das listas.

Uma das assembleias preocupou-se com assuntos de «lana caprina», discussão estéril de coisas balofas, sem valor associativo, muito curiosas para pôr a sua direcção em «cheques», mas sem poder conclusivo para o que mais interessa a essa colectividade: vida, dinamismo, solução de problemas urgentes.

Em contraste, dentro desse mesmo clube alguém trabalha afinadamente pela causa. Numa compreensão rectilínea de deveres, um associado está produzindo uma obra: criando secções novas, uma das quais, a de «hockey» em patins, será apresentada, pela primeira vez, num festival misto de «basket-ball» e ciclismo, de parceria com outro importante agrupamento desportivo da cidade.

Singularidades de atitudes: uns dispersando energias com questões inculcas, outros labutando para elevar o nome do seu clube... Registemos o contraste.

...

Uma lástima — quanto a público e à representação portuense — os campeonatos nacionais de natação, em Espinho.

É certo que os preços eram «puxados», mas, mesmo assim, não se justifica aquele «deserto» de domingo, especialmente pelo facto de estar uma tarde amena. Ao passo que a piscina — onde se trabalhava pelo revigoramento da raça, onde se deriam forças entre agrupados do país — estava quasi «às moscas», centenas de metros mais abaixo outro espectáculo re-

Situação incomportável

ANDAM os desportos na cidade — e talvez em todo o distrito — em maré de infelicidade, a qual se mantém contra todas as prevenções, zombando dos esforços daqueles que pretendem fazer parar o refluxo.

Depois do «panorama» desolador apresentado pelo atletismo — mercê de várias contingências — outra modalidade se lhe segue no mesmo resvalar de um apogeu para o declínio: a natação.

Porque se nade menos, o interesse pela água tenha desaparecido, ou não haja quem se preocupe com a sua propagação? Não.

O caso é algo diferente! Há escolas, ou cursos de natação, montados aqui e ali por diversos agrupamentos — um dos quais, mais em evidência pela sua tenacidade e fé, é o Grupo de Propagação da Natação. Durante este bellissimo verão que temos gozado — e «suado» — as nossas «praias» (?) fluviais têm estado o que se chama «à pinha», regorgitando de manebões que ali vão refrescar-se da calma, após um dia de labuta intensa. Quanto ao sexo forte, é isto; agora, no que diz respeito a «meninas», estamos pior! Não aparecem...

Mas isso só não basta. Não chega como finalidade prática, pois nem só o «nadar» interessa, como finalidade desportiva. Saber nadar já é alguma coisa. Mas muito mais será reunir da prática da natação os resultados que dela advêm, quando na sua aprendizagem ou aperfeiçoamento se pbe esmero.

No capítulo de competição, a natação está em maré baixa. Já lá vão os tempos dos grandes nomes que o Pórtol aplaudia, nomes que foram exemplo de persistência, dedicação e valor. Hoje, a cidade não conta um lote de nadadores digno de figurar em competições. E porque não há quem os prepare? É porque a matéria prima falhe ou se desintereesse? É porque, de facto, a falta de uma piscina seja um factor a tomar em linha de conta? Sim, talvez haja de tudo isto...

Assistimos aos campeonatos nacionais de natação e vimos a fraqueza da nossa representação. Haverá possibilidade de remediar este mal? Cremos bem que sim. Ponto é que todos, desde os dirigentes aos dirigidos, saibam «querer».

A época vai a encaminhar-se para o fim. Pouco mais poderá fazer-se. Mas que, pelo menos, possamos alimentar a esperança de contar, para o ano, com alguém que saiba defender as cores portuenses!

MÁRIO AFONSO

Circuito ciclista de Espinho

Decorreu com muito interesse o VIII circuito velocipédico de Espinho, que teve, no «sprint» final, entre Lourenço e Martins, a nota de maior beleza e emoção. João Lourenço, do Sporting, foi o vencedor individual, com 1 h. 40 m. 22 s. (a média horária de 34,201 metros) para os 52,716 metros do itinerário. Seguiram-se-lhe: José Martins, Francisco Inácio, Aristides Martins, Belmiro Correia, Túlio Pereira, Francisco Moreira e Jerónimo Souto.

No próximo número falaremos mais de espaço desta prova.

gorgitava de assistência, que não regateava as dezenas de escudos do bilhete.

Triste, mas verdadeiro. Não sabemos quanto, mas deve ter sido elevado o prejuízo da Empresa de Melhoramentos de Espinho.

Registamos o facto, não desejando comentá-lo com outras palavras além daquelas que acabamos de escrever.

E se «palavras» podem abater o «débito» que a natação ficou «devendo» à Piscina de Espinho, nós, sem incumbência de ninguém, mas unicamente expressando o nosso sentir, registamos mais este contraste, e dizemos àquela empresa:

Em nome da natação e do Desporto Nacional, bem haja pelo seu concurso absolutamente desinteressado.

Ao Cesar Machado — um director de verdade — o agradecimento muito sincero de um jornalista sem pretensões.

ROBERTO AMIAL

DEMOS já, no último número da «Stadium», as nossas impressões acerca dos campeonatos nacionais de natação. Fixadas essas impressões de carácter geral, deixámos para esta semana alguns comentários mais amplos. As duas jornadas tiveram as características postas em relêvo — houve por vezes animação, latou-se em várias provas com um equilíbrio pouco vulgar em campeonatos de Portugal, mas não corresponderam completamente à expectativa. Esperava-se mais alguma coisa — em ambiente, em entusiasmo na luta e em resultados de ordem técnica.

O local pode ser considerado como esplendido — uma piscina à beira do oceano. Devido ao elevado preço da maior parte dos lugares e por concorrência entre diversas localidades, não houve o público que seria para desejar. No sábado, à noite, não foi desanimador. No domingo houve, porém, pouca gente.

A vibração da assistência não chegou por isso a tomar grandes proporções. O entusiasmo na luta ressentiu-se da falta de alguns concorrentes dados como certos — António Jardine Neto, pelo Algués; Maria Isabel Costa, do Combricense; e Natália Veiga, da Associação Académica. E faltou também Mário Simas, chegado da Alemanha poucos dias antes das provas.

Pelas condições especiais em que se disputaram, os campeonatos nacionais despertaram mais entusiasmo — em Lisboa. Ficam, a pesar de tudo, para a história lusitana da natação, como os mais animados nos últimos anos.

A organização das provas merece a classificação de excelente.

Números e nomes

Comparando entre si os resultados obtidos nos campeonatos de 1942 e 1943, temos:

Senhoras:

100 metros livres	1 m 38 s 4/10	— 1 m 26 s e/10
200 »	3 m 38 s	— 3 m 28 s
400 »	8 m 7 s	— 7 m 38 s
100 » costas	1 m 50 s 2/10	— 1 m 36 s 4/10
200 » braços	3 m 50 s 2/10	— 3 m 47 s 2/10

Homens:

100 metros livres	1 m 6 s 6/10	— 1 m 7 s 9/10
200 »	2 m 39 s 2/10	— 2 m 34 s 7/10
400 »	5 m 21 s 8/10	— 5 m 34 s 3/10
1500 »	22 m 46 s	— 22 m 33 s
4x200 »	11 m 24 s 4/10	— 11 m 20 s
100 » costas	1 m 18 s 6/10	— 1 m 17 s 6/10
200 » braços	3 m 8 s 2/10	— 3 m 9 s 8/10

Temos, pois, que se registaram melhores «tempos» em todas as provas femininas, a pesar de Maria de Lourdes Bessone Basto correr sózinha nos 100 e 400 metros livres, e não ter luta nos 200 metros livres, por parte de Maria Ester Moura Cabral, do Sporting. A nadadora «leonina», que completou o percurso em 1 m. 50s. 2/10, obteve no entanto melhor resultado que a campeã de 1942. Nos 200 metros de braços, todas as concorrentes fizeram melhor «tempo» que a vencedora do ano passado, relegada desta vez para terceiro lugar.

Nas provas de homens registaram-se em geral melhores resultados, com excepção dos 400 metros livres e dos 200 metros braços, não obstante esta última ser a prova em que mais se lutou, de princípio a fim, entre os dois primeiros classificados.

Comparados os «tempos», poder-se-ia concluir que as «marcas» obtidas nos campeonatos nacionais revelaram nítido progresso da natação. Mas não as podemos considerar com tal amplitude, quanto a «records», pois não houve nenhum novo máximo nacional. Apenas Rosa Lopes bateu um «record» o nacional da categoria, e Ilda Raposo um regional de Coimbra. E realmente pouco. Devemos, porém, tomar

Assine a Revista «STADIUM»

3 meses Esc. 19\$50 6 meses Esc. 39\$00
12 meses Esc. 78\$00

Pelos clubes

No Belenenses e no Benfica está aberta a inscrição para os associados que os queiram representar, em «basket-ball», na presente época. Mas o clube de Belém leva mais longe a sua acção: abriu também a inscrição para os simpatizantes, dos 16 aos 19 anos, que desejem frequentar a escola de aprendizagem.

A luta entre novos e antigos campeões

Uma série de notas e comentários

em consideração que a noite de sábado esteve por vezes ventosa e muito fria, e que a tarde de domingo também esteve fresca. Rosa Lopes resentiu-se do facto na tentativa para bater o «record» dos 400 metros de juniores.

A lista completa dos campeões de Portugal ficou como segue:

- SENHORAS**
100 metros livres — Maria de Lourdes Bessone Basto (Algués).
200 metros livres — Maria de Lourdes Bessone Basto (Algués).
400 metros livres — Maria de Lourdes Bessone Basto (Algués).
100 metros costas — Maria de Lourdes Bessone Basto (Algués).
200 metros braços — Rosa Lopes (Atlético).
HOMENS
100 metros livres — João José Mira Gomes (individual) 1 m 6 s. 6/10.
200 » » — João José Mira Gomes (ind.) 2 m 39 s. 2/10.
400 » » — Joaquim Baptista Pereira (Alhandra) 5 m 21 s. 8/10.
1500 » » — Joaquim Baptista Pereira (alh.) 22 m 46 s.
4x200 » » — Sport Algués e Dafundo (Rafael Ramos, Oscar Cabral, Herculano Trovão e Rodrigo Bessone Basto Júnior).
100 metros costas — João José Mira Gomes (individual).
200 metros braços — Júlio Mendes da Silva (ind.)

Agрупando os títulos por concorrentes, temos:

- Maria de Lourdes Bessone Basto (Algués) — 100, 200, e 400 metros livres, e 100 metros costas.
João José Mira Gomes (individual) — 100 e 200 metros livres e 100 metros costas.
Joaquim Baptista Pereira (Alhandra) — 400 e 1500 metros livres.
Rosa Lopes (Atlético) — 200 metros braços.
Júlio Mendes da Silva (individual) — 200 metros braços.
Sport Algués e Dafundo — 4x200 metros livres.

Maria de Lourdes Bessone Basto, filha de Bessone Basto, o antigo campeão que fez o Algués à custa do seu valor e do seu entusiasmo, conseguiu um resultado que é dos mais brilhantes, no historial dos campeonatos — ganhou quatro títulos, num total de 5 provas, no ano em que os disputou pela primeira vez.

Rosa Lopes, do Atlético, e Júlio Mendes da Silva, individual, ganharam também o primeiro campeonato nacional, no ano da sua estreia. João José Mira Gomes, individual até poder representar o Estoril Plage, obteve resultado digno de registo: ganhou três campeonatos contra um grupo valoroso de nadadores de vários clubes.

Mira Gomes tem hesitado algumas vezes, por si ou pelos seus treinadores, entre as provas de meio fundo — e as de velocidade. Saiu-se bem desta vez, pois triunfou com brilho.

Joaquim Baptista Pereira, do Alhandra, é um nadador que se vê sempre com agrado — pelo entusiasmo com que procura vencer, mesmo sem adversário que o obrigue a «puxar».

O Algués, lutando com a desvantagem de não poder alinhar António Jardine Neto, teve uma vitória bonita, ainda que fácil, nos 4x200 metros livres — e ganhou todas as provas complementares.

Ainda as provas

Nos 100 metros livres fizeram-se duas eliminatórias e houve, nitidamente, um grupo de nadadores de primeiro plano — Gomes, Luís Conceição, Herculano Trovão e Rafael Ramos, com «tempos» compreendidos entre 1 m. 7 s. 2/10, do vencedor, e 1 m. 10 s. 2/10, de Rafael Ramos. Luís Conceição conseguiu nesta prova o seu melhor resultado. O que fez, deve levá-lo, ou o seu clube, a pensar na especialização que melhor se adapta à sua estrutura. Disputa provas de mais.

Nos 200 metros livres, foram quasi os mesmos nadadores que se distinguiram, apenas com a substituição de Rafael Ramos por Bessone Basto.

Joaquim Baptista Pereira dominou, completamente, nos 400 metros livres. Manuel Gaspar, da Associação Académica, a quem a natação combricense deve excelentes serviços, fez a «viragem» entre os nadadores do primeiro plano, mas para se remeter depois a uma toada menos rápida, deixando-se ultrapassar por Acácio Agostinho da Costa, do Beira Mar.

A vitória de Joaquim Baptista Pereira nos

1500 metros livres foi mais brilhante — os diversos 100 metros foram percorridos nos seguintes «tempos»: 1 m. 16 s. 1-28, 1-30, 1-29, 1-31, 1-32, 1-33, 1-33, 1-31, 1-30, 1-32, 1-34, 1-34, 1-32 e 1 m. 26 s. Tempos intermediários — 100 metros 1 m. 16 s.; 200, 2 m. 44 s.; 300, 4 m. 14 s.; 400, 5 m. 43 s.; 800, 11 m. 62 s.; 1000, 14 m. 53 s. A embalagem final, em «crawl», empolgou o público.

Em ambas as provas, destacou-se Jorge de Carvalho, segundo nas duas, Acácio Agostinho da Costa, com dois terceiros lugares, e José Júlio de Almeida, sexto na primeira e quarto na segunda. É muito novo. Faz o «crawl» em estilo regular. E luta com entusiasmo.

Nos 100 metros costas não houve nenhuma surpresa, a não ser a má classificação de Luís Conceição, não só quanto ao lugar de entrada na meta (quinto), mas também quanto ao «tempo» feito — 1 m. 28 s. 2/10. O nadador combricense tem obtido melhores resultados nos seus campeonatos regionais.

O valor dos 200 metros braços foi já posto em relêvo na última crónica.

Relativamente à prova de 4x200, por esta-fetas, há apenas a fixar que é fraca a média, para cada estafeta, de 2 m. 55 s. embora melhor que a do ano passado. Rafael Ramos e Herculano Trovão fizeram, no conjunto, 5 m. 38 s.; Oscar de Carvalho, 2 m. 55 s.; Bessone, 2 m. 47 s.

A prova de saltos não teve história: um só concorrente, António Guedes Gonçalves, em dia de má disposição. O campeonato mais espectacular, pela beleza dos saltos, foi, este ano, o mais fraco. Gentil Gonçalves e Armando Gonçalves, do Algués, fizeram alguns bons saltos, mas extra-programa.

Silvina e Silve Marques

Dos concorrentes que perderam o título de campeões, há dois que merecem uma referência especial: Silvina Vieira Alves e João da Silva Marques, os dois vencidos que disputaram provas há maior número de anos. Não sabemos se terão saído em definitivo da lista dos campeonatos. Em desporto, e para algumas modalidades, a idade não perdôa. Mas se assim for, que fique anotado, no balanço destes campeonatos, o entusiasmo com que defenderam o seu «passado» — e a correcção com que aceitaram o resultado da luta.

A representação da província

A província melhora ano a ano, no que respeita a classificações e a equilíbrio de valores.

Os nadadores que se apresentaram em melhores condições foram Ilda Raposo, que se prejudicou grandemente por haver «viado» na pista que lhe coube em Espinho, e Luís Lopes da Conceição, do Santa Clara. Paulo Moura Reivas, da Associação Académica de Coimbra, distinguuiu-se também nas provas complementares, acusando, todavia, a transição da categoria — de infantil para principiante.

A representação de Coimbra deu, no conjunto, a impressão de progresso. Aveiro pareceu estabilizado de certo modo, com Acácio e João Agostinho da Costa em primeiro plano. O Porto só se notou, com alguma gente nova, nas provas complementares. O Sport Clube do Porto teve um nadador e uma equipa classificada em segundo lugar.

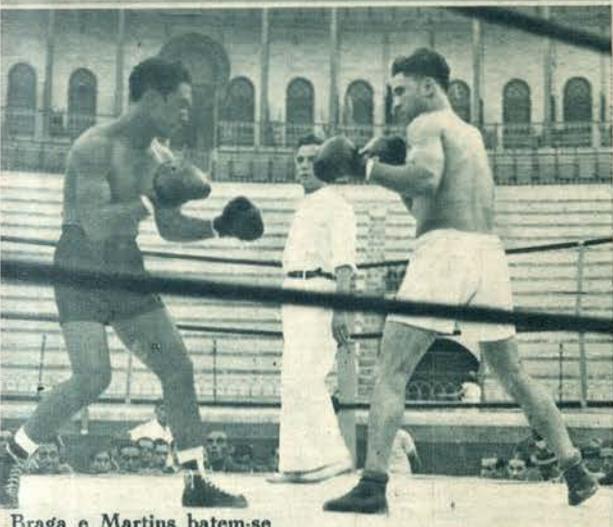
Merece registo a colaboração do clube Sport Vianense nas provas complementares.

MÁRIO DE OLIVEIRA

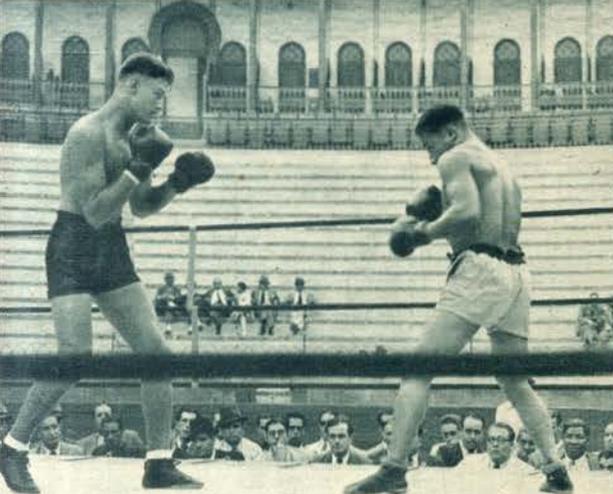
Bicicletas «FLECHA»

A GRANDE MARCA
DOS CAMPEÕES

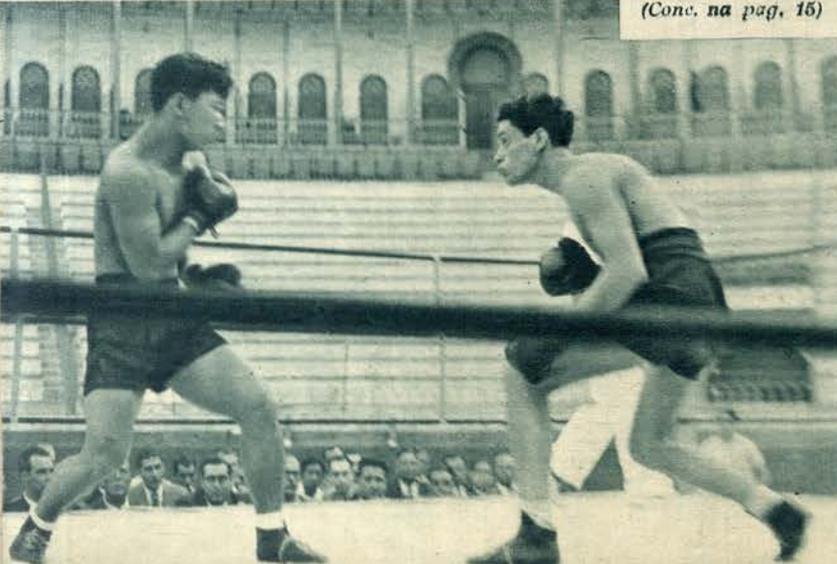
Cosias do Boxing em Lisboa, a derrota de Sousa Mais três Moçambicanos em Barcelona e o Torneio de Preparação



Braga e Martins batem-se



A luta J. Neves-Quintino



Uma fase do combate Tafoy-Zulmiro

A semana finda foi fértil em acontecimentos de «boxing». Nada menos de três, qual dêles o de maior importância! E isto é o reflexo do interesse por esse género de desporto, interesse que é, ao mesmo tempo, a consequência da propaganda pela acção.

No campo amador, tivemos as finais do *Torneio de Preparação*, disputadas na sala d'aula Monteiro, do Ginásio Clube Português, e, no profissional, houve a apresentação de três novos moçambicanos — em sessão destinada a entendidos, amigos do «boxing» e imprensa, quem dizer, privada... — e, com maior retumbância, o «match» de Barcelona, entre o espanhol Peiró e Augusto de Sousa. Vamos dividir os assuntos por capítulos, porque o espaço não é muito,...

O introito da semana coube à apresentação de Jorge Tafoy, Mário Braga e Júlio Neves, pupilos do sr. Palma Mira e contratados da «Tobox».

Para a sua possível qualificação como profissionais, exigia-se-lhes — o que está absolutamente certo — um *exame de aptidões*. E as provas prestadas não podiam, na realidade, ter sido mais concludentes... Porque qualquer dêles fez demonstração clara — no «ring», que é ainda o melhor sítio! — de boas capacidades para a carreira escolhida, deixando impressão *fortemente positiva*! Em especial, Neves — que deve vir a dar que falar... Mas todos três agradaram, mostrando recursos e possibilidades, com aprovação no exame primário e direito à entrada em curso superior...

Tafoy não chegou a precisar de um «round» para convencer os srs. examinadores! Deram-lhe Joaquim Zulmiro — mas mais valia que o rapaz não subisse ao «ring». O moçambicano, mais poderoso e também mais efectivo e prático, quis acabar a *experiência* antes de expirar o tempo — e conseguiu-o. Zulmiro foi derrubado com um *soco*... e o júri não quis mais! O *exame* foi suspenso — com aprovação plena, absoluta.

Quintino, muito mais batalhador que diante de Carlos Gomes, deu boa réplica ao segundo moçambicano: Júlio Neves. E o examinando provou, com exuberância, que é um rapaz cheio de qualidades, habilidoso e conhecedor de «boxing», metendo muito bem as mãos e tocando nos pontos essenciais. Se houvesse classificação, teria, sem dúvida, ficado distinto.

Por último apresentou-se Mário Braga. Foi seu «sparring» o médio Germano Martins, que lhe deu réplica e nunca fugiu à luta. Mas o «boxeur» ultramarino demonstrou nítida superioridade nos seis assaltos da *experiência* — e, como os companheiros, mereceu aprovação unânime.

Em síntese: este três novos moçambicanos satisfizeram e podem, evidentemente, fazer carreira na metrópole.

Ao capítulo seguinte — que é o mais importante — cabe a peleja de Barcelona: Sousa-Peiró.

O «match» disputou-se no mesmo recinto onde o ex-campeão nacional derrotou Morales Perales e Beni Lévi teve o *desastre* com o espanhol. Casa à cunha — dizem as agências telegráficas e notícias de jornais catalães que cerca de trinta e cinco mil pessoas! Portanto, ambiente acolhedor para os pugilistas. Mas a luta (?) foi de tal maneira que o público mostrou o seu descontentamento — e, logo, ambiente desfavorável.

O espanhol ganhou, mas o combate com Sousa não teve a mesma beleza desportiva (brilho dos «boxeurs», vibração da assistência e interesse de luta) que tivera o de Peiró com Levy. É que as características do nosso campeão — um ba-
(Conc. na pag. 16)



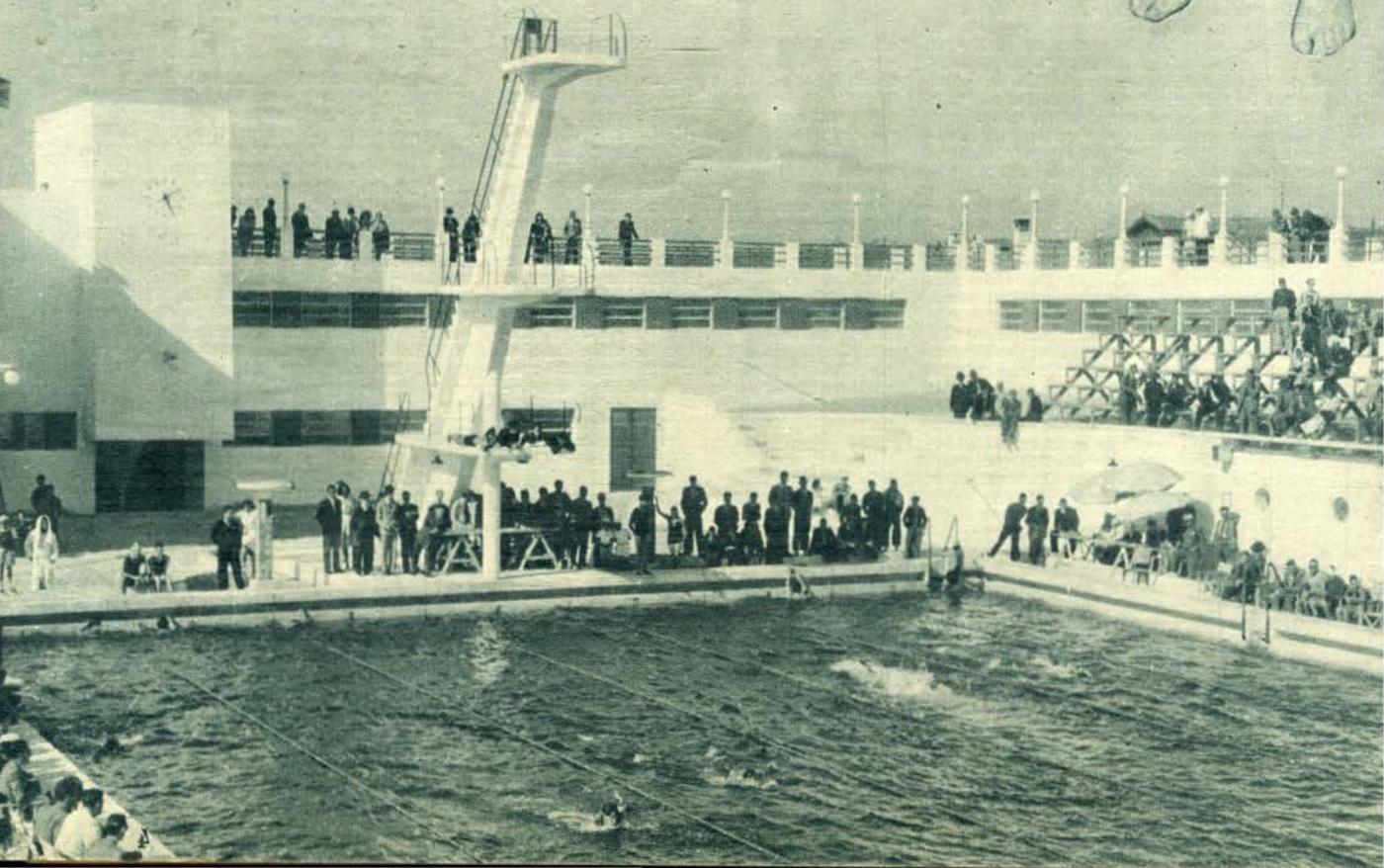
Romeu Correia e H. Santos disputam a final de médios do «Torneio de Preparação»

ASPECTOS GRÁFICOS

Dos Campeonatos nacionais de natação

1 — D. Maria de Lourdes Bessone Basto, a nadadora que maior número de campeonatos conquistou na piscina de Espinho; 2 — Os nadadores que constituíam a representação de Viana do Castelo; 3 — Joao José Gomes, vencedor dos 100 e 200 metros livres e dos 100 metros costas; 4 — Um aspecto da piscina durante a disputa dos campeonatos

(Fotos Hermann)



O destronamento da bola de marfim

(Conclusão do penúltimo número)

HOUVE, primeiramente, as bolas «de forma». A massa era amolecida e vazada em formas. Estas bolas não tinham contudo o aperfeiçoamento das de marfim. Formavam-se nelas, a miúdo, bolhas de ar que lhe destruíam o equilíbrio, e, além disso, a massa espessa, depositando-se frequentemente, descantava-as, inconveniente este de considerável gravidade. Logo que a bola chocava fortemente com outra, se era leve, saltava sob a acção do choque e, algumas vezes, saía do bilhar. Por consequência, todo o «efeito» ou parte do «efeito» dado à bola perdia-se. A bola leve é difícil de fazer recuar. Retorna menos facilmente. Fui sempre partidário da bola pesada e sinto-me feliz que Conti seja da mesma opinião.

Chegámos à bola moldada. O pó de que se partiu obtem-se fazendo actuar a areia sobre o formol. Consegue-se deste modo um produto químicamente perfeitamente definido, e que, por aquecimento e sob pressão, se transforma em massa muito sólida, homogênea e que não contém água. Para a confecção das bolas, havia no entanto uma grande dificuldade a resolver. Com o efeito, o pó inicialmente tem uma densidade muito fraca, sendo preciso comprimi-lo para obter uma densidade igual à do marfim: 1,6 — 1,7. Mas, ao mesmo tempo que é comprimido, torna-se necessário permitir que o ar se escape, sem o que se corre o risco de se formarem bolhas de ar na massa, as quais comprometeriam a sua homogeneidade. Conheço apenas um homem que chegou a esse resultado, após longas e pacientes pesquisas: Fornells. As bolas «For» foram cortadas muitas vezes, para se verificar a homogeneidade da massa. Não contém água e por consequência não podem deformar-se por perda de água como acontece com a de marfim natural.

A questão da densidade é igualmente interessante: 2 bolas tomadas ao acaso e tendo o mesmo diâmetro pesam o mesmo com erro apenas de 1 grama. Eu sei pessoalmente o esforço supremo que isto representa e Fornells pode legitimamente orgulhar-se de haverlo conseguido.

Deparava-se ainda, para resolver, a questão da elasticidade. Imaginei então, a pedido de Fornells, um aparelho muito simples que permita medir a elasticidade das bolas. Consiste numa caleira de aço pulido, com um metro de comprimento. A caleira é inclinada e provida no seu ponto mais elevado de um reparo e apresenta no seu ponto mais baixo um bloco de aço, rigorosamente perpendicular e preso à massa. A bola colocada sobre o reparo e abandonada ao seu peso, vai ferir o muro de aço, retornando depois. Mede-se a distância em milímetros. Em seguida coloca-se uma bola de encontro ao bloco de aço e deixa-se cair uma outra, pela caleira, a fim de se apreciar o retorno de bola contra bola. Os resultados revelaram nitidamente a superioridade da bola moldada sobre a bola de marfim natural. Demais, a bola de marfim natural, retornando do choque contra o muro de aço, saltava e abandonava a caleira para cair mais longe. Contudo, esta bola era de marfim de Zanzibar, com 1,7 de densidade. As bolas moldadas de Fornells possuem uma densidade de 1,8, o que as torna bastante aderentes e evita a perda de «efeito» que antes se verificava a toda a hora. Em resumo, eu creio presentemente que a bola de bilhar moldada destronou a de marfim natural.

E, desta maneira, graciosamente expressiva, concluiu o eng.^o Ringeissen a sua exposição, sucinta mas suficiente para deixar entrever o paciente esforço exigido pela obtenção da actual bola de bilhar, de choque suave, «epiderme» clara e brilhante, obediente e silenciosa, e que remeteu a bola de marfim para os museus, irrestaurável na sua antiga glória, reduzida para sempre à condição de objecto de curiosidade para os que gostam de recordar, de fazer história:

— Eu não faço aqui a oração fúnebre do marfim natural, que é um material magnífico com que se farão sempre objectos artísticos,

colares, etc. Mas, com toda a sinceridade de técnico, afirmo que para o bilhar a bola «For» é superior à bola empregada até agora. Terminando, desejo às bolas «For» um sucesso For...midável, e que depois de darem a volta a este bilhar sob o impulso das mãos destras de Conti e Ranson, elas deem muito brevemente a volta ao Mundo.

O futuro deu plena satisfação ao desejo manifestado pelo eng.^o Ringeissen, pois que a bola de fabrico impõe-se por toda a parte. Alemães e americanos, empregando matérias plásticas extraídas de novas fórmulas, vieram dar a sua valiosa contribuição para a completa vitória da bola de massa. A bola «For» é ainda hoje a melhor para o bilhar grande e, por isso, a utilizada nos campeonatos internacionais, parecendo, todavia, que a bola alemã, de tom ligeiramente creme, é a preferida para o bilhar pequeno.

Um dia, na Exposição Internacional de Paris, o rei Carol da Roménia, hoje no exílio a cumprir o destino sombrio comum a tantas testas coroadas, visitou o Pavilhão das matérias plásticas.

Fervoroso adepto que é do jogo das carambolas, ao dar com um bilhar numa das salas, quedou-se com ar pensativo e intriguado. O sr. Sentenac, que fôra o grande animador do Pavilhão, apercebeu-se e, aproximando-se, explicou-lhe o motivo, ao mesmo tempo que lhe ofertava, como recordação e para seu uso pessoal, o jogo das famosas bolas que tinham servido ao fenomenal Roger Conti.

JOÃO MARIA

Nota — A conferência que se reproduziu foi traduzida de «Le Billard Sportif».

O VELHO E PRESTIGIOSO C. I. F.

(Conclusão da pág. 6)

de treino apressado para alcançar a «forma».

José Nobre Guedes, que assiste à nossa conversa e viveu em camaradagem durante o seu curso com os melhores nomes do atletismo alemão, recorda o duro regime de trabalho na «Reichsakademie». Nesta escola, onde se formou, o desporto toma muitas horas em cada dia. Dispondo de instalações magníficas, a instrução desportiva está confiada a uma série de professores especializados. Cada modalidade tem o seu mestre. Muitos dos seus discípulos eram reputados campeões, porque a admissão ao curso está reservada aos melhores atletas das organizações oficiais e as provas de entrada não as vence qualquer, além de que, durante o curso, é necessário satisfazer ao «emblemático desportivo», conjunto de provas com tempos e distâncias mínimas, só ao alcance de bons atletas. Compreende corridas de velocidade, os 100 e 200 metros, em 12 e 24 segundos; os 10,000 metros saltos em altura e comprimento; lançamento do peso; os 100 metros de natação, em 1 minuto e 30; prova de salvamento; permanência na água, durante 15 minutos; pesos e alteres, 65 quilos ao «jeté» dois braços, etc.

Na «Reichsakademie» estagiavam as «esperanças». Ali conheceu José Nobre Guedes muitas que se destinavam aos jogos de 1940 e vários campeões das Olimpíadas de 1936. A guerra terá destruído, em grande parte, aquele grupo de novos.

O certo é que, pelo que ouvimos, o segredo da «forma» em que a Alemanha apresentou os seus campeões, em 1936, baseia-se no trabalho persistente, dirigido com método e constância.

O caminho que temos a percorrer, a distância a que estamos de poder competir com aqueles e outros da mesma valia, diz-nos qual é a leitura da nossa modesta tabela de «máximos»...

A actividade da secção de tiro do Sport Lisboa e Benfica

O tiro reduzido — ou, mais propriamente, o tiro desportivo, porque está certa a sua inclusão como modalidade desportiva — não tem abrandado a sua actividade, mesmo em face das dificuldades presentes e por que o desporto do tiro é caro.

Este desporto, com centenas de praticantes e dezenas de colectividades — já se efectuou uma prova com mais de 500 inscrições! — apresenta-nos um grupo de elementos de comprovado valor.

No decorrer da actividade das nossas carreiras de tiro reduzido têm-se revelado atradores de mérito absoluto, impondo-se pela regularidade do seu fogo e das classificações obtidas. Há actualmente uma porção valiosa de nomes a fixar, detentores de posição muito prestigiosa, com a qual tanto ajudam a elevar este desporto.

Entre as secções de tiro desportivo de Lisboa, a do Sport Lisboa e Benfica conquistou, de há muito, lugar de merecido relevo, não só pela classe demonstrada por alguns dos atradores, como pela sua constante actividade, promovendo provas inter-clubes ou concorrendo às organizações dos outros clubes.

Deve-se-lhe ainda a primeira prova de tiro inter-clubes, com a disputa do torneio Benfica-Orfeão do Porto.

O trabalho da secção no decorrer da época 1942-43 (Outubro a Julho) é fiel demonstração do entusiasmo que o tiro desportivo tem dentro do popular clube.

Sabe a 301 o número de atradores inscritos na secção, e na última época o Benfica utilizou 104 atradores, que conseguiram para a colectividade que representavam a honrosa referência de, em todos os torneios a que concorreram, e no conjunto das suas equipas, terem demonstrado a melhor regularidade.

A secção de tiro benfiquista organizou no decorrer da época 21 provas inter-sócios, quasi todas com três categorias de atradores; de colaboração com o jornal «O Século» fez disputar a taça «Armando Murta» — o saudoso atleta e dedicado entusiasta da modalidade; e concorreu a 8 provas inter-clubes, sendo uma de segunda categoria. Nestas provas, os atradores «encarnados» obtiveram três primeiros prémios, três segundos, um quarto e um sexto.

Entre os seus atradores destacam-se Antero Lopes, prémio de regularidade e «Grande Prémio Benfica» em provas inter-clubes e inter-sócios; Guilherme Guedes, campeão geral do clube em provas de campeonato, e José Mendes Leite Júnior, Dálio Silva, Manuel Ferreira Borges, Reinaldo Constant, Godofredo Bravo Dias, Dionísio Negro e dos mais novos Daniel de Sousa, Manuel Sousa Vieira e Vicente Costa Gomes.

Os dirigentes da secção de tiro do Sport Lisboa e Benfica — Henrique Santos, José Mendes Leite Júnior, Eugénio Cunha Maleitas, Guilherme Guedes e Vicente Costa Gomes — viram coroados de êxito os seus esforços de procurarem rodear a sua secção do maior brilhantismo.

A sessão de encerramento da época de tiro no Benfica confirmou isso mesmo e foi mais um exemplo de que todas as secções desportivas do grande clube se comprometem do seu dever e se tornam credoras da maior estima e admiração de dirigentes e sócios.

Por isso afirmo o seu ilustre presidente, sr. dr. Augusto da Fonseca, que o grande merecimento do Sport Lisboa e Benfica é o valor, o esforço e o brio inextinguível das suas secções.

No decorrer da referida sessão foram entregues os prémios, num total de 7 taças e 124 medalhas, conferidas na sua maior parte a atradores benfiquistas. Entre eles, Antero Lopes arrebatou 3 taças — uma, a individual, da taça «Armando Murta» — e 13 medalhas, e Guilherme Guedes, 12 medalhas.

Representantes do G. D. Atlantic, vencedor por equipas da taça «Armando Murta», Banco Espírito Santo, Imprensa Nacional, Sporting Clube de Portugal, G. D. H. Vautier, F.N.I.M. e G. A. M. receberam igualmente as medalhas conquistadas em provas do Benfica.

F. S.

OS cavaleiros portugueses, como os esgrimistas e até outros praticantes do desporto, têm-se revelado — senão superado — em competição com atletas espanhóis. Mas o necessário intercâmbio desportivo entre as duas nações ibéricas é que, por vezes, sofre interrupções que não dão vantagem a ninguém. Voltou-se, porém, à actividade nos últimos tempos, distinguindo-se, particularmente, a competição de portugueses e espanhóis nas modalidades seguintes: «golf», remo, «boxing», tênis — e, agora, no tiro.

E desta última, precisamente, que convém falar, tão brilhante foi a acção dos portugueses nos concursos de San Sebastian. Antes, porém, de o fazermos, loquemos um acontecimento, por demais importante para passar sem reparo. Referimo-nos à recente derrota de Beni Levi, em Barcelona, e, consequentemente, ao triunfo conquistado por Augusto Sousa na mesmíssima refinação. O «desastre» de Levi — porque o foi, não há dúvida — se, por um lado, causou decepção e amargura nos sectores do «boxing» nacional, por outro proporcionou aos espanhóis um movimento geral de regosijo, absolutamente comprehensível. E logo se disse que o campeão português teria dificuldade em fazer carreira — ao contrário de Sousa, que tinha abertas as portas de todos os recintos de «boxing» de Espanha...

Ora isto vem a propósito do modo por que se encara o desporto em Portugal e em Espanha — de maneira absolutamente diferente. E compreende-se: cada um, como diz o povo, puxa a brasa à sua sardinha...

Mas nós, portugueses, hemos de regozijar-nos com o que é nosso! Quanto à vitória de Sousa — festeje-se como ela merece. E auguramos ao ex-campeão que faça, por terras de Espanha, a melhor figura que possa, para honra e glória do desporto português.

Falemos agora do comportamento brilhante de dois atiradores portugueses em San Sebastian. E principalmente de Moura Bastos, que, na jornada de inauguração, ganhou a taça «Eibar» — um dos melhores prémios do torneio — em competição com os mais categorizados «shooters» espanhóis. Este triunfo não tem, evidentemente, a repercussão que teria, por exemplo, uma vitória das cores nacionais em futebol ou em «boxing», mas tem muito valor para nós, porque sempre foi um triunfo conquistado por um nosso compatriota no estrangeiro. O mesmo atirador obteve ainda o terceiro lugar no Prémio «Gulamendia», atrás de Lloret e do conde de Teba — outra competição de valor, pois foi até o 23.º tiro. E, no campeonato da Guipuzcoa, Raúl de Carvalho empatou, para o segundo posto, com o conde de Torrubia, em 16-17, quando o vencedor fez 17-17.

Saúdemos a vitória de Moura Bastos e o excelente resultado de Raúl de Carvalho.

SONJA HENIE

(Conclusão da pág. 3)

pisto, ouvindo-se então uma das maiores ovações de que há memória no «Madison».

Na verdade, Nova York não se recorda de nada que se assemelhasse ao êxito alcançado pela patinadora escandinava. De êxito em êxito, Sonja tornou-se a desportista mais popular dos Estados Unidos. É natural, por isso, que esta «cêdeta» tenha sido a artista mais bem paga de todo o Mundo. Calcula-se que, em dois anos, tenha arrecadado dois milhões de dólares.

Os contractos, que lhe os mais vantajosos, sucediam-se com frequência de passar. Em 1937 realizou vinte e nove exhibições de vinte minutos cada uma, em cinco cidades norte-americanas, e os proventos correspondentes elevam-se a 700.000 dólares.

Depois a fama chegou a Hollywood e Sonja — por que não?... — foi convidada a filmar. Diz-se que em cada película cobrou a «insignificância» de 200.000 dólares.

E assim venceu, na América, a insinuante Sonja Henie. Triunfou... e assegurou uma existência sem preocupações — coisa de que hoje pouca gente pode gabar-se!...

talhador por temperamento — são inteiramente diferentes das do portense; cauteloso, expõe-se pouco aos golpes do adversário, e, em sumo, aguardando ocasiões... Por isso o «match» desagradou. Por isso Peiró não teve (nem podia ter!) a sorte que o bafejou com Levi — um «boxeur» que se expõe e vai decididamente à luta. E com Sousa não sucede o mesmo. Porque o portense seja de qualidades? Não! Simplesmente por temperamento.

Na praça de toiros de Arenas mediram, portanto, forças Sousa e Peiró. E — garantem agências telegráficas e jornais — o combate foi «esmaranhado», como diria a Beatriz Costa. Freqüentes «corps-à-corps» e desgasto de energias em pura perda. Observação, a princípio, e mais tarde cautela de ambos os pugilistas; um, porquê é esse o seu sistema, e era, na emergência, o fogo a adoptar; outro, porque lhe não convinha «expor-se» depois de uma vitória retumbante sobre Levi, que é um nome — aqui e mesmo em Espanha, a-pesar-de tudo...

Mas Peiró, por fim, decidiu-se — e acabou por ganhar bem, conforme o próprio Sousa declarou à imprensa. Agora, aguardamos a vinda do espanhol — para então podermos ajuizar do seu valor. E aguardem-se, também, as próximas lutas de Sousa. Contudo, a derrota de Sousa não lhe tira valor — que o tem — nem o diminui no conceito público. A circunstância de aceitar desforzar-se com um homem que acabava de bater Levi por forma convincente (a nós não nos acabou; só vendo...) já é para louvar; e, resistir-lhe dez «rounds», ainda mais. Por isso Sousa merece parabéns.

O último capítulo desta série de acontecimentos de «boxing» é da autoria da Associação de Pugilismo de Lisboa — e coube ao Torneio de Preparação, iniciativa muito louvável e que desde princípio mereceu franco e incondicional aplauso. Serviu até para movimentar o meio, interessando o público e fornecendo-lhe uma variedade agradável. Mas — ou não fosse... de Preparação! — este torneio teve alguns inconvenientes, desculpáveis, até certo ponto, se levarmos em linha de conta a boa vontade dos seus organizadores. Meter na prova uma sessão privada e que desde princípio não se tratava de uma altura em que aos «boxeurs» — que são amadores e por conseguinte têm os seus empenhos — era difícil comparecer, não lembraria a ninguém! Mas fez-se o «ring» também estava (esteve sempre!) impróprio para utilização capaz: cordas bambas, mal repuxadas, a constituírem perigo iminente para os pugilistas que se lhe encastaram. Enfim, tudo se descausou pela boa vontade que presidiu à organização. São «inconveniências» a remediar no futuro — estas e outras que não vale a pena apontar. Alguns rapazes apareceram com possibilidades e podem vir a fazer carreira no meio. Romeu Correia, por exemplo, que vimos já em ação noutras provas anteriores, figura em primeiro plano. Está em boa forma,

A assembleia da A. F. L. Acontecimentos da semana

ENCONTROU-SE decisivamente na fase das assembleias gerais. Federações nacionais, associações regionais e clubes desportivos, de toda a espécie e categoria, reuniram-se para apreciação de actos e contas de gerência e eleição de novos directores. As que se fizeram ultimamente, com características de maior importância, foram as da Associação de Futebol de Lisboa e dos clubes Benfica e Gimnásio.

A da A. F. L., porque precedeu à distribuição de prémios da época finda, teve mais retumbância. Individualidades de relevo no meio desportivo — como os srs. Manuel Afonso, ten. Joel Pascoal, dr. Amado de Aguiar e Constantino Fernandes, Pinheiro Machado e Paiva e Silva — referiram-se elogiosamente à acção dos directores e clubes na propagação do desporto que se convencionou usar, por direito próprio, de soberania sobre os demais.

Antes da assembleia — em que quasi não houve discussão de relatório, cujas conclusões foram aprovadas por aclamação — procedeu-se à distribuição dos prémios, sendo contempladas as colectividades seguintes: Sporting, campeão de Lisboa; Benfica, campeão de reservas e segundas e melhor conjunto de pontos no torneio da Divisão de Honra; Estoril Praia campeão das três categorias e melhor conjunto da I Divisão; Palmense, Cascais, Arroios e Bom Sucesso, campeões da II Divisão; Desportivo da Graça, Vista Alegre, De portivo do Castelo e Morais Soares, campeões da Promoção; e União Desportivo, campeão popular.

No capítulo de eleições, o resultado foi o seguinte: *Assembleia geral* — Presidente: Benfica (cap. Rodrigues de Sousa); vice-presidente Fósforos (?); secretários: Raúl Cascais (Casa Pia A. C.) e Fernando Nunes (Carcavels). *Direcção* — Presidente: Belenenses (dr. Coelho da Fonseca); vice-presidente: Otero Ferreira (Unidos); secretário geral: Benfica (Travassos Tavares); secretário adjunto: Atlético (ten. Alcino Pires); tesoureiro: Futebol Benfica (cap. Santos Romão); vogais: Estoril Praia (Paiva Faria) e Desportivo de Arroios

pega forte e é batalhador. Contudo, a estatura não o ajudará muito, pois é baixo de mais para a categoria. Patrício Alvarez, Armando Costa, Paulo Garcia, Aníbal Secundino, Cruz Passos — o último com sóco potente para um amador leve — merecem, também, citação. E outros ainda — que ficaram pelo caminho...

- Vencedores:
- Médios — Armando Costa, Ligas.
- Leveíssimos — Paulo Garcia, Lisboa Gimnásio.
- Meios-levés — Aníbal Secundino, Gimnásio.
- Leves — Cruz Passos, «Os Troços».
- Meios-médios — Patrício Alvarez, Ligas.
- Médios — Romeu Correia, Ligas.

Meios-pesados — Rodrigues Santos, Lisboa Gimnásio (sem compêndio). As finais disputaram-se na pretérita sexta-feira, no Gimnásio. Casa cheia. Interesse. Animação. Mas, na generalidade, os combates foram frouxos. E um, pelo menos, acabou mal — com um dos pugilistas a sangrar de uma arcada supraclavicular. Se não fosse essa contrariedade, ter-se-ia, decerto, assistido a bom «boxing». E foi pouco, realmente, pois os dois rapazes têm capacidade para fazer, qualquer dia, muito melhor.

Porque o espaço é limitado e tudo isto vai longo, apontem-se os resultados dos «matchs» finais, que foram os seguintes: Armando Costa v. Manuel Quaresma; Paulo Garcia v. Raúl Barros; Aníbal Secundino v. Fernando Chaves (na luta mais rija da noite); Cruz Passos v. Baltino Vieira; Patrício Alvarez v. Mário Silva; Romeu Correia v. Henrique Santos.

Aparte as combates Passos-Vieira e Alvarez-Silva, que acabaram ao 1.º round, por desistência justificada dos pugilistas indicados em último lugar, todas as lutas foram até o fim, salientando o eciticismo do médio Santos, do Pena, cuja coragem — não confundir com saber — foi voluntária admitir, diante de Romeu.

O Ligas foi o vencedor, por equipas, ganhando a taça em disputa, um troféu sem nome. Porque não lhe puseram o nome de qualquer «boxeur» amador dos tempos áureos do «boxing»? Basílio de Oliveira, Aragão de Andrade, Xavier de Araújo ou Abel da Cunha mereciam essa lembrança.

Os pugilistas triunfantes — que Serafim Cardoso treina e Silva Lopes orienta — teve cinco presenças na final e três vitórias (Costa, Alvarez e Romeu). O Lisboa Gimnásio pôde contar com o prêmio... de aproximação! Duas vitórias (Garcia e Santos) e três presenças. E «Os 19» — um clube cujo entusiasmo e dedicação pelo desporto não causam, a-pesar-de todas as mudanças, por que tomam parte em todos os combates de relevo no torneio, com uma vitória (Passos) e duas presenças.

Para fechar: agradou-nos ouvir dizer publicamente que a A. P. L. vai fazer disputar os campeonatos regionais. Que seja o mais breve possível, pois, francamente, já estava sendo tarde...

JORGE MONTEIRO

ATELISMO — Em Alverca effectou-se uma reunião da especialidade, promovida pelo F. C. de Alverca e destinada, apenas, a atletas principiantes da região.

«BASKET-BALL» — O Vasco da Gama fez disputar um torneio de «lance-livre», entre os seus sócios. Ganhou o Albino Serafim, com 13/12 pontos, conquistando, assim, a taça Orlando Mendes.

CICLISMO — O V. Circuito do Zambujal, na distância de 70 quilómetros, foi ganho por João Soares, em 2 h. 23 m. 15 s.

«HOCKEY» E PATINS — O Desportivo dos Tabacos homenageou os seus jogadores que ganharam o campeonato de Lisboa da II Divisão. Nessa festa o Futebol Benfica venceu o Ateneu Comercial, por 6-2, e o Benfica derrotou o «team» homenageado, por 7-3.

INAUGURAÇÕES — O Cruzelense A. C. inaugurou novas instalações; e o Clube Náutico «Mare Nostrum» procedeu também à inauguração, na Cova do Vapor, do seu novo posto náutico.

NATAÇÃO — No I Colimbra-Pôrto, disputado na piscina do Mondego, os colimbaticos triunfaram em todas as provas.

NÁUTICA — Na baía de Cascais realizou-se, promovida pelo Clube Naval de Cascais, de colaboração com a Brigada Naval e o Algeis e Dafundo e com o patrocínio do «Diário de Notícias», uma grandiosa festa náutica, compreendendo várias provas de natção e de salvamento, regatas de vela e «gyrnkana» náutica.

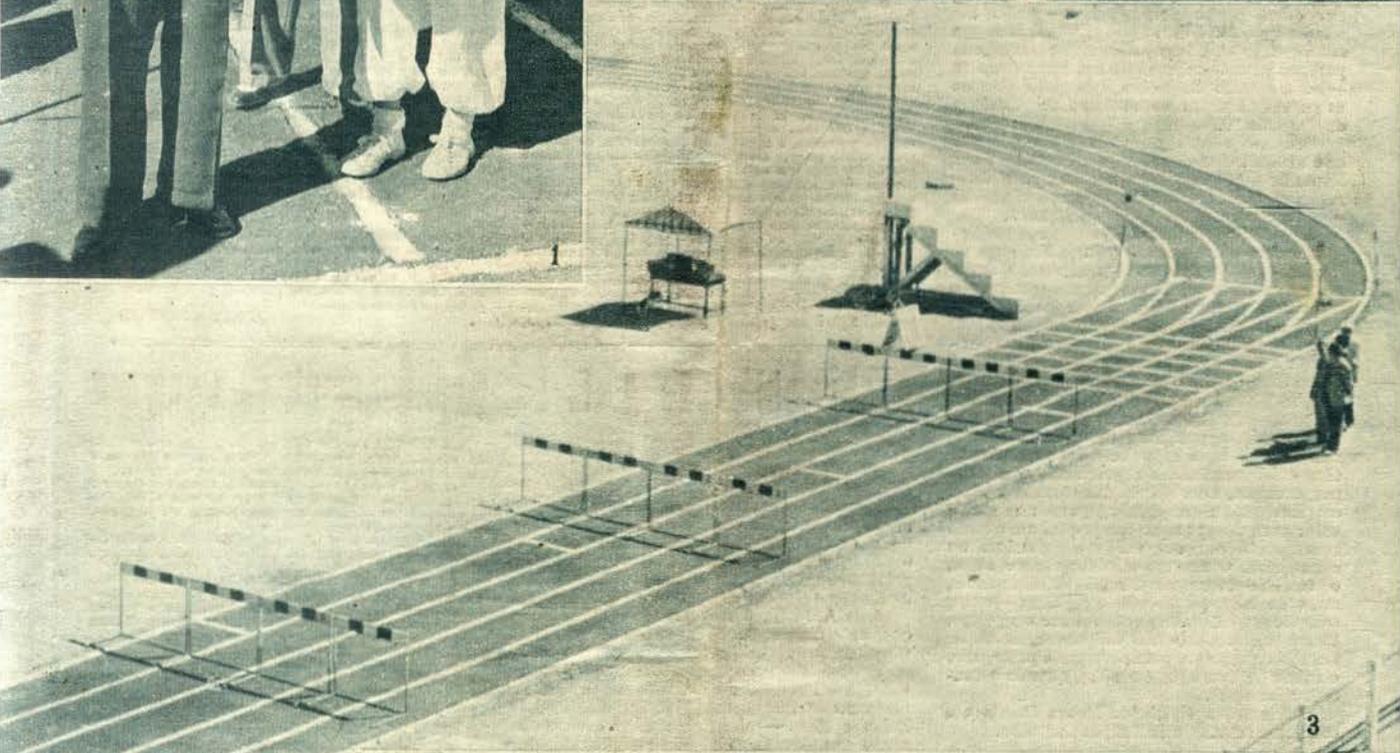
De regresso das ilhas, chegou ao Tejo o navio-escola «Sagres», que fez o III Cruzeiro Marítimo promovido pela O. N. «Mocidade Portuguesa» com o objectivo de ministrar instrução de marinheira aos filiaes.

TÊNIS — Nos torneios internacionais do Estoril (a quem nos reportaremos com mais pormenores no próximo numero) saíram vencedores: José Roqueite e Domingos Avilez, em pares-homens; Domingos Avilez, em singulares-homens; Manuel Silva e Mrs. Collette, em pares-mistos; Gabriela Cantarino, em singulares-senhoras; e Ms. Flink-Mrs. Dvcham, em pares-senhoras.

TÊNIS DE MESA — A Associação de Lisboa procedeu simultaneamente à distribuição dos prémios correspondentes aos torneios oficiais e campeonatos da época finda.

VELA — A Semana da Vela, para barcos de vários tipos, teve os vencedores seguintes: «Marillio», do Clube Náutico, em iates de alto mar; «Elga», do cônsul do Uruguai, em iates de meio-cruzeiro; D. António da Louzã, em barcos de 6 metros, internacionais; D. António de Herédia e João Capucho, em «stares»; João Tito e Miguel Soares, da Mocidade Portuguesa, em «sharps» de 12 m.; Irmandos Pestas, do Naval de Cascais, em «troughs».

(Varandas Pereira). *Conselho fiscal e jurisdiccional* — Presidente: Sporting (?); vice-presidente: Marvilense (Barroso Lopes); secretário-relator: Paço de Arcos (Moreira Rato). *Conselho técnico* — Presidente: Fósforos (?); vogais: Benfica (Gustavo Teixeira) e Atlético (Rodrigues Graça).



Campeonatos nacionais de atletismo: 1—O sr. Director Geral de Educação Física e Desportos procede à inauguração da nova pista do Sporting, que ficou sendo a melhor do país; 2—Araujo, do Sporting, vai triunfar nos 400 metros barreiras. 3—Um belo aspecto da pista do Lumiar. A prova de tiro da taça "Armando Murta"; 4—O presidente do S. L. Benfica, sr. dr Augusto da Fonseca, rodeado do directores da F. N. T. P. e dos atiradores premiados neste interessante torneio.

